

Federação das Colectividades
do Distrito do Porto
de Educação, Recreio e Desporto

(ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER CÍVICO)

Estatutos aprovados por Alvará do Governo Civil do Distrito do Porto,
de 7 de Julho de 1944

Séde: Rua de Passos Manuel, 126-3.º

INFORMAÇÕES: Telefone 54487

PORTO

RELATÓRIO E CONTAS
DA
GERÊNCIA DE 1960
E
PARECER DO CONSELHO FISCAL



1961

Ex.^{mo} S^{nr.}

José de Castro

Rua Padre Calvina, 492.

Porto



Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto

(ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER CÍVICO)

(Estatutos aprovados por Alvará do Governo Civil, de 7 de Julho de 1944)

Séde:—Rua de Passos Manuel, 126-3.^o

INFORMAÇÕES: Telefone, 54487 — PORTO

Relatório e Contas da Gerência de 1960 e Parecer do Conselho Fiscal

Ex.^{mas} Snrs. Delegados das Colectividades:

Conforme as disposições dos Estatutos da FEDERAÇÃO, vimos apresentar-vos o Relatório e Contas da nossa Gerência de 1960.

A FEDERAÇÃO marcha!— Entramos no 16.^o ano da sua actividade.

É uma obra complexa, é certo. Todavia tem cumprido a sua missão, conforme os Estatutos.

Continua a ser muito útil a todas as colectividades de cultura, educação, recreio e desporto.

Todos os delegados que frequentam a sede da FEDERAÇÃO, reconhecem que ela prossegue na sua cruzada:

- 1.^o — Na defesa de todas as modalidades (de todas as modalidades);
- 2.^o — A prestar todas as informações úteis para a legalização e funcionamento das mesmas;
- 3.^o — A fomentar, a desenvolver, a animar, as iniciativas de carácter cultural, artísticas e beneficentes;
- 4.^o — A desbravar o terreno para que elas não encontrem dificuldades na sua expansão e na realização das suas festas familiares;
- 5.^o — A procurar a solidariedade e bom entendimento entre as congéneres, etc., etc.

A FEDERAÇÃO tem um largo futuro na sua frente. Quem ler os seus Estatutos verificará que os seus fins são importantes para o progresso das colectividades e benefício das respectivas massas associativas, em todos os sentidos culturais, recreativas, patrióticas, etc., etc.



Os delegados mais dedicados, acompanharam os trabalhos da direcção nas várias iniciativas internas e públicas, todavia, como este Relatório é um repositório do que se fez, para aqui se transcreve o principal da Gerência.

Assembleia Geral — Prestação de contas e eleições —
Nos termos do artigo 29.º dos Estatutos, reuniram-se, na sede da FEDERAÇÃO, em Assembleia Geral as colectividades filiadas, por intermédio dos seus delegados.

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», de 29-5-960, publicou o seguinte relato:

«**Federação das Colectividades do Distrito do Porto** — Sob a presidência do sr. Aurélio de Oliveira Maia, secretariado pelos srs. Abílio da Silva Samagaio e José Fernando da Conceição Santos, reuniram-se em assembleia geral as colectividades filiadas nesta Federação para discussão e aprovação do Relatório e Contas da gerência de 1959 e o respectivo parecer do Concelho Fiscal e eleição dos corpos gerentes para 1960.

Antes da ordem dos trabalhos, usaram da palavra o presidente da direcção e o delegado do Grupo «Gosar é uma alegria», sobre problemas de carácter interno.

Por requerimento apresentado pelo delegado da Associação Recreativa «Os Bairristas de Quebrantões» foi dispensada a leitura do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal que, impressos, foram distribuídos pelos delegados.

O delegado da Associação e Recreativa «Honra e Dever», em nome da sua colectividade, manifestou à Federação o seu reconhecimento por serviços prestados.

O presidente da direcção chamou a atenção para vários pontos do Relatório e muito em especial para o Parecer do Conselho Fiscal. Fez a sugestão para a nomeação de uma comissão que angariasse receitas para a instalação em nova sede e para aquisição do respectivo mobiliário. O presidente da Assembleia Geral transformou esta sugestão em «questão prévia», sendo aprovada por unanimidade, ficando a direcção, a eleger, encarregada de fazer a nomeação da respectiva comissão.

Por requerimento apresentado pelo representante da Associação Recreativa «Aurora da Liberdade», o Relatório, Contas e o Parecer do Conselho Fiscal, foram aprovados por aclamação.

Foram aprovadas saudações aos srs. governador civil, comandante da Polícia de Segurança Pública, à Imprensa, à Rádio e à direcção dos Bombeiros Voluntários do Porto.

Do jornal «O JORNAL COMÉRCIO DO PORTO», transcrevemos o seguinte:

«Entrando-se na segunda ordem dos trabalhos, a eleição dos Corpos Gerentes para 1960, o sr. presidente consultou a assembleia, se algum delegado tinha qualquer lista para apresentar. Como a resposta fosse negativa, o mesmo presidente solicitou ao presidente da direcção que cessava o seu mandato, para apresentar uma lista de candidatos. Depois da troca de impressões entre os presidentes e alguns delegados, por unanimidade, foi aprovada a lista dos corpos gerentes para 1960».

Assembleia Geral — EFECTIVOS — Presidente — 190 — Banda de Música de Guifões — Matosinhos, (Aurélio de Oliveira Maia); Vice-presidente — 3 — Grupo Dramático do Monte Aventino — (Francisco Augusto Pereira da Silva); 1.º Secretário — 80 — Caixa de Beneficência aos Tuberculosos de Santo Ildefonso (Domingos Marques Pereira Júnior); e 2.º Secretário — 184 — Associação Dramática e Musical de Massarelos (Abílio Silva Samagaio).

Assembleia Geral — SUBSTITUTOS — Presidente — 39 — G. R. da Cooperativa dos Maquinistas e Fogueiros (Bernardino Pinto da Costa); Vice-presidente — 79 —

Escola Dramática Musical Valboense — Valbom (Camilo de Brito); 1.º Secretário — 91 — Club Português de Cinematografia (Virgílio Pereira); e 2.º Secretário — 317 — Grupo Excursionista «Gosar é uma Alegria» (Mário Pinto de Sá Ferreira).

Direcção — EFECTIVOS — Presidente — 1 — Grupo Excursionista «Amigos das Belezas de Portugal» (Américo Cardoso); Vice-presidente — 9 — Associação Recreativa «Aurora da Liberdade» — Matosinhos (Sebastião Maria da Nóbrega); 1.º Secretário — 128 — Grupo Excursionista «Unidos do Paraíso» (Artur Ferreira da Silva); 2.º Secretário — 2 — Associação Musical de Miragaia (Manuel Inácio Luís); Tesoureiro — 243 — Eden Clube de Arcozelo — (Bernardino Pereira da Rocha); Vogal — 286 — Associação Recreativa Bairristas de Quebrantões — Gaia (João José Lourdes Riem); e Vogal — 259 — Rancho Folclórico «Rosas da Sé» (Luís Adelino Ferreira de Almeida).

Direcção — SUBSTITUTOS — Presidente — 225 — Associação Cultural Recreativa «Os 20 Atrios de D. Afonso Henriques» — Guimarães (Delfim José Mendes de Sousa); Vice-presidente — 107 — Escola Dramática Musical Recreativa de Contumil (José Jorge da Silva Marinho); 1.º Secretário — 293 — Clube do Bairro de S. Roque da Lameira (José Fernando Azevedo Ribeiro); 2.º Secretário — 238 — Grupo Excursionista «Caras Direitas» (José Teixeira); Tesoureiro — 53 — Associação Recreativa de Canelas (Alberto Pinto de Almeida); Vogal — 283 — Conjunto Dramático e Harmónicas de Boca «Ritmo de Portugal» (José Fernando da Conceição Santos); e Vogal — 200 — Associação Dramática Recreativa «Os Leais de Pedrouços» (Pedro António de Sousa).

Conselho Fiscal — EFECTIVOS — 67 — Orfeão de Matosinhos (Rodolfo da Conceição Lopo e Melo); — 86 — Grupo Musical Excursionista «Os Rabecas do Caneiro» (João Mendes Ribeiro) e — 16 — Grupo Excursionista «Os Bem Falados» (António Fernando Eugénio Rodrigues).

Conselho Fiscal — SUBSTITUTOS — 230 — Grupo Recreativo Pontuais da Sé (Feliciano de Freitas Teles); — 298 — Conjunto Dramático 26 de Janeiro (Manuel Dias de Sá); e — 253 — Grupo Folclórico e Dramático «Os Malmequeres da Noeda» (Arnaldo Martins Monteiro).

Posse dos Corpos Gerentes para 1960. — Em 3 de Junho de 1960, perante grande número de assistentes, tomaram posse os novos corpos gerentes, de cujo acto os jornais deram notícias.

«O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 7-6-960, publicou o seguinte relato:

Federação das Colectividades do Distrito do Porto — Sessão de posse dos Corpos Gerentes

«Sob a presidência do sr. Aurélio de Oliveira Maia, tomaram posse os novos corpos gerentes, eleitos na última assembleia geral, para a gerência do novo ano de actividades.

Usaram da palavra os srs. Américo Cardoso, pela 16.ª vez eleito presidente da direcção desta Federação; Sebastião Maria da Nóbrega, presidente da Associação Recreativa «Aurora da Liberdade», de Matosinhos; Domingos Pereira, presidente da Caixa de

Beneficência dos Tuberculosos da Freguesia de Santo Ildefonso; Abílio da Silva Sampaio, presidente da Associação Dramática Musical de Massarelos; Francisco Augusto Pereira da Silva, presidente do Grupo Dramático do Monte Aventino; e João José Lourdes Riem, presidente da Associação Recreativa Bairristas de Quebrantões, Gaia, os quais agradeceram aos seus colegas delegados a escolha dos seus nomes para dirigirem os destinos da Federação das colectividades, útil e importante organismo que merece a dedicação de todos os dirigentes de agremiações.

O sr. António da Silva Azevedo, como delegado da Banda de Música de Crestuma (Gaia), saudou os novos corpos gerentes na pessoa do presidente da direcção, sr. Américo Cardoso, a quem considera há muitos anos, pela sua dedicação às colectividades.

Finalmente o sr. Aurélio de Oliveira Maia, encerrou a sessão, louvando todos os oradores».

«A data histórica de 15 de Abril de 1811 em Olivença — terra bem portuguesa»—O nosso presidente da Direcção (Américo Cardoso), em reunião magna de delegados realizada no dia 13 de Abril de 1960, fez uma palestra patriótica, subordinada ao tema que nos serve de epígrafe.

Fez um resumo da história da Vila de Olivença:

«Os Templários portugueses—disse—em guerra com os mouros em 1228, conquistaram os campos de Olivença, e depois em 1297, o tratado celebrado na povoação fronteira de Alcanices a 12 de Setembro, entre D. Diniz de Portugal e D. Fernando IV de Castela, rectificou e fixou a fronteira, ficando Olivença na posse definitiva de Portugal. Descreveu ainda outros factos históricos da soberania de Portugal em Olivença.

«Com as invasões francesas em Portugal, desenvolveram-se atitudes entre as nações, envolvidas nos ditos acontecimentos, em especial entre a Espanha, França, Inglaterra e Portugal, cujos comentários, o orador—disse—deixava aos discursos académicos e históricos.

«Em Janeiro de 1811, Olivença é tomada, por assalto, pelas tropas francesas comandadas por Soult, mas, logo, em 15 de Abril do mesmo ano, as tropas portuguesas, sem qualquer auxílio do exército espanhol, tomaram a praça aos franceses, ficando esta guardada por um regimento de infantaria e um destacamento de artilharia portuguesas.

«Foi um grande dia de glória para o exército português, que ficou gravado na história já importante de Olivença».

O Grupo «AMIGOS DE OLIVENÇA», com sede em Lisboa, é digno da maior estima e consideração pela campanha patriótica que vem desenvolvendo no sentido da reintegração na Mãe-Pátria daquela antiga parte da terra alentejana.

Festas comemorativas do 16.º aniversário da FEDERAÇÃO—No dia 7 de Julho, realizamos no Salão Nobre da «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto», gentilmente cedido, uma Sessão Solene para solenizar a passagem do 16.º aniversário da nossa FEDERAÇÃO, que decorreu com todo o entusiasmo e brilhantismo, como se verificou pelos relatos publicados pela Imprensa do Porto e de Lisboa.

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», de 8-7-960, publicou um relato da festa com uma fotogravura, a duas colunas, na qual se viam os elementos que constituíram a mesa de honra, com parte da assistência e o Presidente da Direcção (Américo Cardoso) usando da palavra:

Sessão comemorativa do aniversário da Federação das Colectividades do Distrito do Porto

«No salão nobre da sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do

Porto, realizou-se ontem à noite, uma brilhante sessão comemorativa do aniversário da Federação das Colectividades de Educação, Recreio e Desporto do Distrito do Porto.

Presidiu o sr. Aurélio Maia, secretariado pelos srs. dr. Araújo de Barros, maestro Raúl Casimiro, António Magalhães, Francisco Soares Braga, Pereira da Silva, Domingos Pereira, Mendes Ribeiro, Bernardino Rocha, João Riem, Luis Adelino e Manuel Dias. Ladeando a mesa da Presidência, alinhavam os ranchos «Malmequeres da Noeda» e «Típico do Ilhéu».

Numerosas bandeiras, representando as colectividades federadas, ornamentavam o salão, que estava repleto de uma assistência calorosa, que principiou por aplaudir vibrantemente os componentes da mesa, quando chamados a ocupar o seu lugar.

Aberta a sessão o sr. Américo Cardoso, presidente da direcção da Federação, principiou por se referir ao 16.º aniversário da fundação da F. C. E. R. D., aludindo às dificuldades da primeira hora e a algumas que ainda subsistem; e espraçando-se depois em comentários diversos, acerca das necessidades e aspirações, quer da Federação, quer das colectividades.

Agradeceu aos Bombeiros Voluntários do Porto a cedência do salão, terminando por uma exortação a todos os presentes, para que, com o maior entusiasmo, congreguem os seus esforços para um futuro melhor.

Falou seguidamente o sr. dr. Araújo de Barros, que recordou os primeiros passos da Federação, afirmando que esta merece uma mais efectiva atenção por parte das autoridades. Felicitou a direcção, apontando o sr. Américo Cardoso como o seu obreiro principal, esforçado, activo e empreendedor.

O sr. Bernardino Rocha, tesoureiro da Federação, igualmente referiu muitos dos problemas federativos, lembrando outros já favoravelmente solucionados.

A sessão foi encerrada pelo sr. Aurélio Maia, que felicitou os oradores da sessão, e afirmou que a Federação continuará pelo bom caminho que sempre tem trilhado, com o apoio das colectividades suas federadas e das autoridades.

Seguiu-se um espectáculo de variedades, em que colaboraram o conjunto «Ritmos de Portugal», com os seus elementos: António José Soares Rodrigues, Jorge Pinto, Manuel Moreira, João Monteiro, João Manuel Bento, Aurora Pinto, João dos Santos e Fernando Santos (locutor); o Rancho Típico do Ilhéu, e o Rancho «Malmequeres da Noeda» (Campanhã), que se exibiram com as suas danças e cantares.

Entre as colectividades que se fizeram representar com os respectivos estandartes, encontravam-se as seguintes: Tuberculosos de Santo Ildefonso, Cs Plebeus. Os Alegres do Soutelo, Os Bacanos do Castelo, União Portuense, Dramático Guerra Junqueiro, Os Laços Verdes, Cultura e Recreio de Gulpilhares, Dramático 26 de Maio, Os Pechinchas da Senhora da Hora, Dramático Rocha Silvestre, Aurora da Liberdade, Os Lusíadas, Recreativo de Canelas, Desportivo da Devca (S. Mamede), Cruzada de Bem-Fazer de Pedrouços, Os Iniciadores, Os Leais de Pedrouços, Os Pontuais da Sé, Os Dragões de Moalde, Os Perfeitos da Ranha, Estrela da Vigorosa, Rosas da Sé, Portulanos do Porto, etc.».

O Jornal «O Primeiro de Janeiro» de 8-7-960, e «O Comércio do Porto», de 9-7-960, também publicaram notícias da festa do aniversário da FEDERAÇÃO.

Romagem aos túmulos de personalidades do Teatro e homenagem aos heróis da Guerra Peninsular.—Integrado nos números comemorativos do 16.º aniversário da fundação desta FEDERAÇÃO, realizaram-se no Domingo 24 de Julho de 1960, vários actos públicos, que tiveram grande imponência, como fossem a romagem junto do túmulo das saudosas personalidades, no cemitério de Agramonte: EMÍLIA EDUARDA, actriz, poetisa e emitora; CARVALHO BARBOSA, poeta e escritor teatral; PAULO FREIRE, jornalista e defensor dos grupos excursionistas. Em todos os locais se colocaram flores, o que também se fez junto do túmulo das vítimas do TEATRO BAQUET.

Ao organizar-se o cortejo, na Praça da Galiza, foram colocadas flores no monumento, ali existente, a **ROSÁLIA DE CASTRO**, poetisa galega, proferindo palavras alusivas ao acto o sr. Abílio de Faria, distinto orador, versado na história e literatura luso-galaica.

Ao sair do cemitério de Agramente, o cortejo foi colocar-se junto do «Monumento comemorativo da Guerra Peninsular», onde o nosso presidente (Américo Cardoso) fez um discurso histórico alusivo ao acto; e no momento de se erguerem as bandeiras ao alto, em saudação a Portugal, os clarins do Regimento de Cavalaria n.º 6, executaram os toques de «Sentido» e a «Continência», dando ao acto uma certa emoção patriótica.

O Jornal «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 25-7-960, deu o seguinte relato:

«Federação das Colectividades do Distrito do Porto, Romagem aos túmulos de personalidades do Teatro e homenagem aos Heróis da Guerra Peninsular.» — «A Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto», efectuou ontem vários actos públicos, que tiveram o apoio de dezenas de agremiações do Porto, Matosinhos, Gaia, Gondomar, Maia, Valongo e outros concelhos.

As 15 horas, todas as colectividades, bandeiras, associados e simpatizantes, reuniram-se na Praça da Galiza, (à Rua da Piedade, Rua Júlio Dinis e próximo ao Palácio de Cristal). Foram colocadas flores no momento a Rosália de Castro, poetisa galega, proferindo palavras alusivas ao acto o escritor sr. Abílio de Faria, versando a história e literatura luso-galaica.

Seguiu-se um cortejo, em romagem ao cemitério de Agramente, onde foram depostas flores nos jazigos de personalidades, ligadas ao Teatro: Emilia Eduarda, actriz, poetisa e escritora, que foi amadora dramática e depois profissional representando no Teatro Baquet, e faleceu numa festa de estudantes portugueses e espanhóis, recitando versos de sua autoria nos quais vaticinava o seu desejo de «morrer amortalhada numa capa de estudante», o que sucedeu; Carvalho Barbosa, poeta e escritor teatral, autor de comédias e revistas tripeiras, em colaboração com Arnaldo Leite, ainda hoje lembradas; e Paulo Freire, jornalista e defensor dos grupos excursionistas e de corpos cénicos de amadores dramáticos. Também foram colocadas flores nos túmulos das vítimas do Teatro Baquet.

Não foram proferidos discursos dentro do cemitério.

Ao sair do cemitério o cortejo dirigiu-se para a Praça de Mouzinho de Albuquerque (Rotunda da Boavista), colocando-se em frente ao monumento comemorativo da Guerra Peninsular, onde o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação, numa evocação histórica, recordou os que lutaram, sofreram e morreram pela Pátria, contra os invasores da terra portuguesa.

No momento de erguer as bandeiras ao alto, em saudação a Portugal, os clarins do Regimento de Cavalaria n.º 6, executaram os toques de «Sentido» e a «Continência», dando ao acto imponência e solenidade.

A direcção da Federação pretendeu, também, assim, prestar homenagem póstuma aos falecidos autores do imponente monumento: o escultor gaiense Alves de Sousa e o arquiteto Marques da Silva E, sendo até um preito de justiça pública aos artistas, recorda os escultores Sousa Caldas e Henrique Moreira, que interpretaram e executaram com arte e muita competência, o trabalho de escultura e de grande responsabilidade.

Terminada a cerimónia e dando a volta ao monumento, os estandartes dirigiram-se para junto do Mercado do Bom Sucesso, onde o cortejo se dissolveu.

«O COMÉRCIO DO PORTO» e o «JORNAL DE NOTÍCIAS», de 25-7-960, também se referiram a estes actos significativos, publicando uma gravura, a duas colunas, vendo-se grupos de bandeiras na Praça da Galiza.

Enviaram-se officios de agradecimento; ao Sr. General Comandante da 1.ª Região Militar pela autorização dada para a comparência do terno de clarins, e ao Sr. Comandante da P. S. P. pelo valioso serviço prestado pelos guardas em vários locais das cerimónias e sob uma atmosfera tórrida como esteve nesse dia.

A recepção aos Chefes de Estado do Brasil e de Portugal — A FEDERAÇÃO convidou todas as agremiações — culturais, excursionistas, dramáticas, musicais, recreativas, beneficentes, desportivas, etc. — da cidade do Porto e de todos os concelhos do distrito, a comparecerem com as suas bandeiras na recepção aos ilustres Chefes de Estado do Brasil e de Portugal, que no dia 8 de Agosto de 1960 visitaram a cidade do Porto.

O ponto da concentração foi junto da estátua do Infante D. Henrique, onde todas as bandeiras e os Ranchos folclóricos fizeram uma calorosa ovação àqueles ilustres visitantes.

Os directores desta FEDERAÇÃO tiveram a oportunidade de falar com o sr. Dr. Negrão de Lima, ilustre Embaixador da República Brasileira.

«Semana do Ultramar de 1960» — A exemplo dos anos anteriores, o nosso Presidente da Direcção (Américo Cardoso), realizou no dia 11 de Maio de 1960, uma palestra patriótica, subordinada ao tema: «A ACÇÃO DO INFANTE D. HENRIQUE NAS DESCOBERTAS DE ALÉM-MAR», integrada na «Semana» organizada pela benemérita Sociedade de Geografia de Lisboa.

Presidiu o sr. Aurélio de Oliveira Maia, presidente da Assembleia Geral, secretariando os srs. João José Lourdes Riem e Feliciano Teles.

«A Natação» — Sendo dos estatutos da FEDERAÇÃO, a propaganda de várias modalidades do Desporto, o nosso Presidente da Direcção (Américo Cardoso), em 20-7-960, realizou uma palestra a todos os delegados subordinada ao tema: «A NATACÃO — A PERDA DE VIDAS NOS RIOS PELA IGNORÂNCIA DA JUVENTUDE — PROVIDÊNCIAS A TOMAR — A CONSTRUÇÃO DE PISCINAS».

O palestrante foi sócio do prestante «Grupo de Propaganda da Natação», cuja actividade marcou na sua época, e fez parte do N. I. P. integrado naquele Grupo, a pedido da direcção do mesmo.

A colectividade tinha como divisa: «Alegria de viver, suprema lei».

A FEDERAÇÃO, oportunamente, procurará pôr em execução o plano apresentado nesta palestra.

«Parada de homenagem à eminente figura nacional do Infante D. Henrique — Integrada nas «Comemorações Henriquinas» do corrente ano, a nossa FEDERAÇÃO, como «Associação de carácter cívico», promoveu uma numerosa «Parada de Colectividades» que se dirigiu para junto do Monumento ao Príncipe Navegador, onde foram recordados os seus feitos e se ergueram as bandeiras em Saudação a Portugal.

A Imprensa deu o maior relêvo a esta manifestação patriótica, como se pode ver pelas transcrições que se seguem.

Do «JORNAL DE NOTÍCIAS», do dia 20-8-960:

Comemorações Henriquinas — Homenagem das Colectividades do Distrito do Porto

«Promovida pela Federação das Colectividades do Distrito do Porto, efectua-se amanhã a anunciada Parada de Homenagem ao Infante D. Henrique.

A concentração é às 15,30 horas, em ponto, nas ruas convergentes à Praça da Trindade pela seguinte ordem: as colectividades da Cidade do Porto, juntam-se na rua de António Sardinha; as do concelho de Matosinhos na Rua dr. Ricardo Jorge; do concelho da Maia, na Rua da Trindade; do concelho de Gondomar, na Rua da Trindade; do concelho de Vila Nova de Gaia, na Rua de Fernandes Tomás; e as de outros concelhos, na Praça da Trindade, junto ao edifício da Câmara.

A primeira que chegar de cada concelho coloca-se à esquina da respectiva rua, em direcção à Praça da Trindade, e todas as outras se seguem. Aquela Praça deve ficar livre até à partida do cortejo.

Os Ranchos Folclóricos e Típicos, bem como os musicais, juntam-se perto da Câmara para serem distribuídos pelas representações dos vários concelhos.

A banda de música dos Bombeiros Voluntários de Avintes, coloca-se à cabeça do cortejo, na Rua do Clube Fenianos.

O cortejo segue pela Rua Clube Fenianos, Avenida dos Aliados, Praça da Liberdade, Praça Almeida Garrett e Rua do Mouzinho da Silveira, em direcção ao monumento ao Infante D. Henrique, onde se fará uma evocação patriótica.

Dados os objectivos e significado desta Parada, a Federação resolveu convidar as autoridades civis e militares, entidades oficiais e particulares para assistirem, pelas 16 horas, junto do monumento do Infante D. Henrique à chegada da «Parada das Colectividades», à evocação da eminente figura do Navegador e à saudação das bandeiras à Pátria Portuguesa.

A Federação foi informada de que o governador civil do distrito do Porto também comparece a este acto cívico.

O Jornal «O COMÉRCIO DO PORTO», de 22-8-960, publicando uma fotografatura com as colectividades em frente ao monumento ao Infante D. Henrique, descreve assim a manifestação:

A Federação das Colectividades de Recreio e Desporto, promoveu uma Parada, associando-se às comemorações henriquinas

«A Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto, promoveu, ontem, uma parada das agremiações suas federadas de homenagem ao Infante D. Henrique, aproveitando o actual ciclo de comemorações henriquinas.

Na referida parada, incorporaram-se colectividades culturais, dramáticas, excursionistas, musicais, recreativas, folclóricas, benéficas, columbófilas, desportivas e outras modalidades associativas, da cidade e dos vários concelhos do distrito do Porto.

A concentração fez-se, a partir das 15 horas e meia, nas ruas de António Sardinha, dr. Ricardo Jorge, Fernandes Tomaz e Praça da Trindade, e, cerca das 16 horas, o cortejo pôs-se em andamento, descendo a Avenida dos Aliados, Praça da Liberdade, Praça Almeida Garrett e Rua Mouzinho da Silveira.

Na dianteira, via-se um pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários do Porto, e, um pouco atrás, seguia um par de moços vestidos com a cor verde e rubro, que ostentavam um dístico de saudação ao Infante.

Depois, viam-se, o estandarte da Federação das Colectividades do Distrito do Porto, tendo à direita, a bandeira dos Descobridores e à esquerda a bandeira nacional. Animava a parada a banda musical dos Bombeiros Voluntários de Avintes, estendendo-se pelas ruas fóra, dezenas de estandartes das colectividades em parada, entre as quais

viam o Rancho Folclórico Rosas da Sé, Rancho Típico do Ilhéu e Rancho de «Os Malmequeres», que davam a nota festiva de alegria com os seus descantes e danças folclóricas.

Junto do monumento ao Infante D. Henrique, estavam já os srs. dr. Elísio Pimenta, governador civil do Porto; dr. J. Pinto Ferreira, director do Gabinete de História da Cidade e elemento directamente ligado às comemorações henriquinas; aspirante João Pimenta, em representação do comandante da I Região Militar; e capitão J. Cordeiro, pela Agência no Porto da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

As colectividades do Porto e concelhos limítrofes rodearam o monumento com os seus estandartes, usando, então, da palavra, o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades do Distrito do Porto, que principiou por se referir ao papel da sua Federação, para justificar e exaltar o acto.

Disse, depois, que as colectividades iam, ali associar-se às manifestações henriquinas, numa demonstração da sua simpatia e admiração pela grande figura que tinha um nome grande na História Universal. Falou da geração brilhante das Descobertas e aproveitou para se ocupar um pouco da História e para se desviar para o importante papel da Escola de Sagres. Enalteceu o ânimo fanático do Infante D. Henrique depois de apontar o papel de Gil Eanes, e afirmou que a morte do Infante não impediu que a sua obra continuasse e proliferasse, pois da sua acção resultaram as grandes viagens marítimas, nomeadamente as que fizeram Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque.

Fez a apologia daquele que, como o Infante D. Henrique, têm um ideal definido que os conduzem a causas justas e de grande elevação patriótica, cujo exemplo flagrante está nos Descobrimientos que constituíram grande glória para a sua Pátria.

Neste momento, uma pobre mulher, caiu inanimada, talvez devido ao calor, mas o orador continuou a enaltecer o génio e a rara visão do Infante, que permitiu que a língua portuguesa fosse falada por milhões de pessoas.

Fez, ainda, várias citações, especialmente de Carvalho de Araújo, ligado a uma epopeia heróica, que recordou e terminou pedindo para que se ame, honre e defenda sempre a bandeira da Pátria.

Em seguida, os estandartes das colectividades ergueram-se em saudação ao Infante e ouviram-se vários vivas a Portugal.

O sr. governador civil do Porto, que se mostrou sempre muito generosamente atento e interessado, cumprimentou e felicitou o sr. Américo Cardoso, no final da sua alocução.

O jornal «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 22-8-1960, publicando também uma fotografatura do monumento, rodeado com bandeiras das agremiações e os dizeres «Junto ao monumento do Infante D. Henrique, o presidente da Federação das Colectividades, sr. Américo Cardoso, profere o seu discurso», — deu o seguinte relato:

Comemorações Henriquinas

«Redundou numa cerimónia de alto sentido patriótico a grandiosa e colorida homenagem prestada, ontem à tarde, pela Federação das Colectividades do Distrito do Porto ao vulto das epopeias e descobertas dos portugueses — o Infante D. Henrique.

Dezenas de agrupamentos não só desta cidade como dos concelhos limítrofes, com os respectivos estandartes e bandeiras, participaram na Parada das «Colectividades» que, desde a Praça da Trindade até ao Largo do Infante D. Henrique, animou as ruas da cidade. Homenagem simples, mas evada de significado, traduzida na maneira como a figura do grande navegador vive nos corações da gente humilde.

O desfile das colectividades despertou interesse e foi muito concorrido. — A partir das 15 horas era já elevado o número de agrupamentos que se iam concentrando nas artérias convergentes à Praça da Trindade. Raparigas e rapazes, trazendo vestes coloridas, ocupavam os lugares que lhes tinham sido destinados.

As colectividades da cidade agruparam-se na Rua de António Sardinha; as do concelho de Matosinhos, na Rua de Ricardo Jorge; as do concelho da Maia e Gondomar, na Rua da Trindade; as de Gaia, na Rua Fernandes Tomás e as de outros concelhos, junto aos Paços do Concelho. Delegados da Federação num vaivém constante organizavam a parada. Uma vez conseguida, os agrupamentos — dramáticos, excursionistas, musicais,

culturais, folclóricos, beneficentes e de outras modalidades — marcha viva de juventude e colorido iniciaram o desfile, numa parada policroma, a que o sol radioso imprimia beleza.

À frente numa viatura dos Bombeiros Voluntários do Porto. Logo a seguir o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades, acompanhado por delegados da mesma.

Depois um grande letreiro com a seguinte legenda: «Homenagem das Colectividades ao grande navegador Infante D. Henrique».

Mais atrás, seguia a banda de música dos Bombeiros Voluntários de Avintes precedida por dezenas de agrupamentos. O cortejo, sob os aplausos do público, postado nos passeios, percorreu as ruas Clube Fenianos, Praça Almeida Garrett e Rua Mouzinho da Silveira.

Homenagem ao Infante D. Henrique. — Uma vez na Praça do Infante D. Henrique, todos os estandartes e bandeiras rodearam o monumento ao grande marinheiro

No uso da palavra o sr. Américo Cardoso disse: «Povo do Porto, a Federação das Colectividades, formada por agremiações de várias directrizes promove hoje, esta homenagem à figura do grande navegador, orgulho de todos nós. Pretendemos, os das colectividades, movidos por um sentimento patriótico demonstrar neste acto a nossa admiração pela obra dos descobrimentos. Nascido no Porto, bem perto daqui, e baptizado na Sé Catedral, legou-nos uma obra que nos orgulha e envaidece.

O orador historiou depois, em síntese, os feitos do Infante, referindo-se à fundação da Escola de Sagres e à conquista de Ceuta, em 1415.

Seguidamente, a terminar, o sr. Américo Cardoso pediu que todos os estandartes se levantassem numa evocação patriótica.

Uma vez acatado o pedido, o orador ergueu um viva a Portugal, secundado pela multidão, enquanto uma banda de música executava uma marcha. A finalizar a evocativa cerimónia, foi deposto no sopé do monumento um ramo de flores. Aos actos assistiram os srs. dr. Elísio Pimenta, governador civil; dr. Pinto Ferreira, pela Comissão das Comemorações Henriquinas; aspirante João Pimenta, pelo Comando da I Região Militar, algumas senhoras e muito povo».

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», de 22-8-1960, com uma fotogravura com «Um aspecto da homenagem que as colectividades do Porto prestaram ao Infante D. Henrique», referiu-se com o seguinte relato:

Comemorações Henriquinas — As colectividades do distrito do Porto prestarão homenagem ao Infante

«Como estava anunciado, as colectividades do distrito do Porto — de Educação, Recreio e Desporto — filiadas na respectiva Federação, prestaram ontem, à tarde, uma singela mas expressiva homenagem ao Infante D. Henrique, junto do seu monumento. Dezenas de representações, com as suas bandeiras e estandartes e grupos corais e folclóricos com os seus ranchos, começaram a concentrar-se, cerca das 15 horas, nas proximidades da Praça da Trindade.

Depois, em colorido cortejo que abria com uma viatura dos Bombeiros Voluntários do Porto e a música dos Voluntários de Avintes, dirigiram-se pela Rua Clube Fenianos, Avenida dos Aliados, Praça da Liberdade, Praça Almeida Garrett e Rua Mouzinho da Silveira até à Praça Infante D. Henrique onde se encontravam já os srs. governador civil; dr. J. Pinto Ferreira, director do Gabinete de História da Cidade e membros das Comemorações Henriquinas; aspirante João Pimenta, em representação do general-comandante da Região Militar; capitão José Cordeiro, da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e ainda outras individualidades, além de muito povo.

Precedendo as bandeiras nacional e henriquinas, um rapaz e uma rapariga, trazendo costumes regionais, transportavam um enorme distico onde se lia «Homenagem das colectividades ao grande navegador Infante D. Henrique».

Junto do monumento, onde o cortejo chegou às 16,45 horas, usou da palavra sr. Américo Cardoso, presidente da direcção da Federação das Colectividades, que depois

de ter falado dos fins cívicos e patrióticos do organismo promotor daquela colorida parada, declarou que as colectividades estavam ali a associar-se às manifestações que vêm sendo prestadas em todo o país ao Infante D. Henrique, grande de Portugal e do Mundo.

Prosseguindo, referiu-se ao Mestre de Avis e aos príncipes seus filhos, dizendo que a conquista de Ceuta empreendida pelo Infante obedeceu ao seu ardente desejo de «dilatara Fé e o Império». Enalteceu a figura do ilustre portuense que de Sagres, onde fundou a chamada Escola de Navegadores, deu novos mundos ao mundo e evocou os grandes nomes da nossa História.

A propósito, falou do Brasil, que tem a mesma língua e a mesma religião, recordando a homenagem que há pouco foi prestada ao grande e próspero país irmão na pessoa do seu ilustre presidente, ali mesmo, também junto daquele monumento.

Mais adiante:

— Em todas as causas só triunfa quem tem um ideal. Os descobrimentos foram um grande ideal para a nossa Pátria!...

A concluir, após ter lembrado alguns dos grandes heróis de todos os tempos, que tanto brilho dão à nossa História, o orador afirmou:

— Acima de todas as bandeiras, devemos amar e defender a bandeira nacional — a bandeira da nossa Pátria.

E, vibrante:

— Portugal! Portugal! Portugal!...

Com as bandeiras erguidas, que depois se inclinam em direcção ao monumento, terminou a homenagem, ouvindo-se durante o final da cerimónia muitas palmas e vivas a Portugal».

Homenagem ao «Futebol Clube do Porto» — Esta colectividade nortenha, que muito tem honrado a cidade tripeira com as suas actividades desportivas, colocou na «Feira Popular» do Palácio um pavilhão expondo uma grande quantidade de taças e trofeus das vitórias dos seus atletas.

A sua «Comissão de Propaganda e Angariação de Fundos», organizando um festival no último domingo da «Feira», solicitou à FEDERAÇÃO a sua cooperação com os Ranchos Folclóricos federados.

Esta FEDERAÇÃO, não querendo ficar indiferente perante aquele festival, e dentro da sua orientação de convívio e fraternidade inter-colectividades, que sempre tem defendido, foi mais além e promoveu uma manifestação pública, organizando uma «Parada de Bandeiras», no 25 de Setembro de 1960, que, partindo da Praça da Trindade, seguiu em direcção ao Palácio de Cristal.

Foi uma multidão de pessoas que entrou no recinto da «Feira Popular». A Comissão ofereceu à FEDERAÇÃO uma medalha de prata comemorativa do Festival, e lindas fitas, com o escudo do Clube, a todas as bandeiras que tomaram parte na «Parada».

Na reunião magna de delegados, que se realizou dias depois, todos se regozijaram com o êxito que teve aquela Parada e o Festival.

A Imprensa, noticiou aquele acontecimento, conforme se verifica pelos relatos que se seguem:

Do «JORNAL DE NOTÍCIAS», do dia 26-9-1960:

O F. C. do Porto foi ontem homenageado pela Federação das Colectividades

«Dezenas de ranchos folclóricos e colectividades populares tomaram parte na homenagem ao F. C. do Porto, ontem realizada e que foi organizada pela Federação das Colectividades do Distrito.

Cerca das 15 horas, esses agrupamentos, com os seus estandartes, reuniram-se na Praça da Trindade, onde formaram um cortejo que começou a desfilar pouco depois. Junto das sedes do F. C. do Porto e do Clube Fenianos Portuenses, alguns ranchos entoaram os seus hinos.

O colorido cortejo atravessou o centro da cidade e dirigiu-se para o Palácio de Cristal. Junto do pavilhão do F. C. do Porto, o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação, proferiu um discurso, saudando o prestigioso clube.

Depois na «concha» da Avenida das Tílias, exibiram-se o Grupo Folclórico Rosas de Paredes, Grupo Folclórico Sorrisos da Juventude, Rancho Típico do Ilheu, Rancho Folclórico de Sé, Grupo Folclórico Malmequeres de Noeda, Rancho Folclórico de Zebreiros e Rancho Regional do Divino Espírito Santo.

À noite, actuaram o Rancho Típico do Ilheu, Grupo Folclórico de Perosinho, Sorrisos da Juventude, Rancho Folclórico Rosas da Sé e Grupo Folclórico Malmequeres de Noeda.

Foram impostos laços de seda nos estandartes de todas as colectividades que tomaram parte na parada.

Visita de um rancho ao «Jornal de Notícias» — Deu-nos o prazer da sua visita uma representação do Rancho Folclórico «Tricanas da Calçada», de Albergaria-a-Velha, que se fazia acompanhar do presidente da colectividade, sr. Manuel Pires da Conceição. Esse grupo tomou parte na referida parada.

Os jornais «O COMÉRCIO DO PORTO» e «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 26-9-960, também publicaram relatos da «Parada» e do Festival.

Foi muito apreciado a comparência à «Parada» do Rancho Folclórico «Tricanas da Calçada», de Albergaria-a-Velha, que se fez representar com a bandeira e um par dos seus componentes, acompanhados de 3 directores, entre eles o presidente sr. Manuel Pires da Conceição.

Jantar de confraternização entre os delegados das colectividades à FEDERAÇÃO. — Os representantes, entre uns e outros resolveram encontrarem-se um convívio amigos, ao qual a imprensa deu a importância que merecia.

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», do dia 30-10-960, publicou o seguinte relato:

Os delegados das colectividades de educação e recreio reuniram-se num jantar de confraternização

«Realizou-se, ontem, num restaurante desta cidade, um jantar de confraternização entre os delegados das várias colectividades de educação, recreio e desporto do distrito do Porto à respectiva Federação.

Presidiu o sr. Aurélio de Oliveira Maia, rodeado pelos membros da direcção da Federação das Colectividades e assistiram algumas dezenas de delegados.

Aos brindes, falaram os senhores Artur Ferreira da Silva, Manuel Taveira Pinto de Sousa, João Riem, Manuel Inácio Luis, Francisco Augusto Pereira da Silva, Bernardino Pereira da Rocha, António Videira Pinto, Frederico Loureiro, Abílio Samagaio, Artur Pinto Machado, Armando Sousa Casanova e Américo Cardoso, presidente da Federação.

Todos os oradores exaltaram o convívio e a fraternidade entre as várias colectividades de educação e recreio do distrito, tendo ainda palavras de reconhecida admiração pela obra da Federação, tanto sob o aspecto cultural como sob o artístico, o social e até patriótico.

Foi aprovada uma saudação ao «Jornal de Notícias» — saudação sublinhada ruidosamente por uma salva de palmas. Os delegados saudaram, ainda, e do mesmo modo, a senhora D. Celeste Ribas da Silva, ali presente considerando-a como representante natural das esposas de todos eles e mesmo de todas as mulheres portuguesas.

Antes de terminar o simpático encontro, usou da palavra o sr. Aurélio de Oliveira Maia que, referindo-se às recentes críticas à administração ultramarina portuguesa, feitas na Assembleia Geral da O. N. U., propôs o envio de telegramas ao sr. Presidente da República e ao sr. governador civil do distrito do Porto de repulsa pelas referidas críticas. A proposta foi aprovada.

Os jornais «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 30-10-960; e «O COMÉRCIO DO PORTO», de 1-11-960, também se referiram a esta «Confraternização dos delegados à Federação das Colectividades do Distrito do Porto».

Todos os delegados foram de acordo que estes convívios se repetissem amiudadas vezes, pois os seus resultados são benéficos para a vida da FEDERAÇÃO.

Angola em foco — Depois do envio dos telegramas ao Sr. Presidente da República e ao Sr. Governador Civil sobre as referências feitas na O. N. U., conforme o combinado com os delegados, um representante da FEDERAÇÃO dirigiu-se ao Governo Civil pondo ao critério da Autoridade Superior do Distrito a realização de um acto público no sentido do telegrama expedido. Nunca se recebeu uma resposta.

Passados dias, os jornais noticiaram que as colectividades de recreio da capital tinham ido junto da Câmara Municipal de Lisboa, protestar contra a atitude de alguns oradores na assembleia geral da O. N. U.

O Norte seria o primeiro a manifestar-se publicamente, se as entidades competentes assim o entendessem.

Mutualismo — Em 20-11-960, o nosso presidente (Américo Cardoso) foi convidado a usar da palavra na Sessão Solene comemorativa da passagem da 33.ª aniversário da fundação da «Associação de Socorros Mútuos da Madalena» (Gaia), onde fez um discurso sugestivo exaltando as vantagens do socorro mútuo na doença.

A exemplo do ano anterior, após as festas do aniversário, aumentou muito o número de sócios nesta Associação.

Homenagem ao ACTOR DIAS — Aprovado que foi esta iniciativa, enviou-se a todas as colectividades a seguinte Circular-convite:

Actor Dias (António Dias Guilhermino). Nasceu em MAIORCA, próximo da Figueira da Foz, em 2 de Março de 1840 e faleceu, no Teatro Príncipe Real, do Porto, em 26 de Novembro de 1893.

«Esta Federação, dentro dos seus princípios estatutários, na defesa da expansão da arte dramática por amadores, relembra e exalta as figuras que foram notáveis e ligadas à vida do teatro nacional. Depois de já ter homenageado os nomes de poetas, escritores, jornalistas, autores teatrais, etc., recorda agora mais uma personagem — o ACTOR DIAS —, que foi colega no palco da ilustre actriz EMÍLIA EDUARDA, recentemente recordada por esta Federação.

O ACTOR DIAS, que se evidenciou como amador dramático, ingressou no profissionalismo, conquistando as simpatias do público pelas suas extraordinárias aptidões. Era um actor de mérito e engraçadíssimo. Representou em Teatros de Lisboa, Rio de Janeiro, mas sempre preferiu a cidade do Porto, a «sua terra predilecta», e onde no seu palco, onde tantas noites de glória contou, sucumbiu ao serviço da sua apaixonada Arte. Foi um «tripeiro» adoptivo e um actor muito popular e querido. Era também como homem, na sua vida particular, estimado ao maior grau, na sua probidade e na sua bondade.

O imortal escritor CAMILO CASTELO BRANCO, amigo e admirador do Actor DIAS, dedicou-lhe a peça em 3 actos, «O assassino de Macário», expressamente coordenada para a sua festa artística.

A Ex.^{ma} Câmara Municipal do Porto já o consagrou, dando o nome de LARGO DO ACTOR DIAS, ao antigo Largo da Policia.

Todas as Revistas, todos os jornais, lhe dedicaram palavras de elogio às suas qualidades pessoais e de distinto artista teatral.

CONVITE — A Federação das Colectividades, convida todas as agremiações de cultura, recreio e desporto, a assistirem aos actos que promove de homenagem à memória do eminente ACTOR DIAS, nos seguintes locais:

5.^a feira 24 de Novembro, às 21,30 no salão nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto, à Rua Rodrigues Sampaio. Sessão evocativa.

Sábado, 26 de Novembro, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, às 14,45 horas (precisas). Inauguração duma lápide comemorativa da passagem do 67.^o aniversário do falecimento do ACTOR DIAS no palco do mesmo Teatro.

Os dirigentes das colectividades, além de comparecerem, com as suas bandeiras, devem fazer-se acompanhar do maior número de associados e amigos da Arte dramática. Os Ranchos devem também fazer-se representar nas duas cerimónias.

Este convite é extensivo a todas as pessoas e entidades, que, pelo seu valor moral e intelectual, merecem o respeito e a simpatia desta «Federação».

Todos se honram comparecendo àqueles actos — que são lições de civismo. Com os nossos agradecimentos, enviamos as nossas saudações. — Pela Direcção, — Américo Cardoso, presidente.

Porto, 16 de Novembro de 1960.

A iniciativa caiu bem no espírito de todos e a imprensa deu-lhe a maior publicidade, destacando as qualidades morais e artísticas do actor Dias, como se verifica pelas largas transcrições dos jornais, que abaixo publicamos, como repositório dos actos públicos da FEDERAÇÃO.

Prevenimos os estudiosos que o distinto actor Dias, faleceu no domingo 26 de Novembro de 1893, e não noutro dia ou mês como se tem lido.

«O PRIMEIRO DE JANEIRO» de 24-11-1960, noticiando os actos de «homenagem à memória do actor Dias», publicou uma fotografura, a duas colunas, com o seguinte Grupo: «O actor Dias (ao centro), tendo á sua esquerda Nuno Castelo Branco (visconde de São Miguel de Ceide), filho de Camilo, e á direita Francisco Maria de Carvalho (o «Pistula», do «Eusébio Macário»).

«O COMÉRCIO DO PORTO» do dia 24-11-1960, publicando a fotografura do actor Dias, noticiava os actos que se iam realizar, subordinado aos títulos: «O Porto presta hoje e no próximo sábado justa homenagem à memória do glorioso actor Dias».

O «DIÁRIO DO NORTE», desta cidade, no dia 24-11-1960, na sua secção «Crónica da Cidade», o jornalista dedicou-a toda à «Homenagem a um actor», com palavras de justiça à memória do actor Dias, que naquela noite ia ser recor-

do pela «Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto».

O «DIÁRIO POPULAR», de Lisboa, dia 24-11-1960, também se referiu ao actor Dias, dedicando-lhe toda a secção «Notícias do Porto», com os títulos: «A morte de um actor ocorrida quando representava vai ser evocada pela Federação das Colectividades de Recreio».

Sessão evocativa à memória do actor Dias — O que foi a brilhante Sessão Solene que a FEDERAÇÃO promoveu no salão nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto, pelo significado da homenagem, distinção das pessoas que constituíam a mesa de honra, a larga representação de bandeiras, a presença de distintos jornalistas, e o interesse da numerosa assistência, — deixamos à curiosidade dos leitores deste Relatório, os relatos publicados pela imprensa, e à qual solicitamos vénia para aqui se transcrever:

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», do dia 25-11-1960, com uma fotografura a 2 colunas, com «a mesa que presidiu à sessão, vendo-se o sr. Américo Cardoso no uso da palavra», publicou o seguinte relato:

O ACTOR DIAS lembrado numa simpática homenagem pela Federação das Colectividades do Distrito do Porto

«O caso dum grande actor de teatro português, que, como tantos outros, aliás, fez a sua formação das Colectividades do Distrito do Porto, sr. Américo Cardoso, ao falar na homenagem prestada por esse organismo à memória do actor Dias, falecido há 67 anos, quando representava no Teatro Príncipe Real desta cidade.

Decorreu esta cerimónia no salão de Festas dos Bombeiros Voluntários do Porto e presidia a ela o sr. dr. Araujo de Barros, sócio honorário da Federação e presidente da direcção dos B. V. Portuenses, que era ladeado pelos srs. eng. Pinto de Oliveira, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos; António Dias, neto do homenageado; alferes Armando Vieira, em representação do comandante da 1.^a Região Militar; Capitão António Ferreira, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; António Magalhães, secretário da direcção dos B. Voluntários do Porto; o presidente da Junta de Freguesia de Miragaia e os representantes de vários jornais diários e da Rádio.

Depois de o dr. Araujo de Barros abrir a sessão, usou da palavra o sr. Américo Cardoso, que contou a vida do homenageado, pondo especial empenho em sublinhar o seu grande amor pelo Porto e o facto de se ter iniciado em grupos amadores de teatro, fazendo neles a sua formação artística.

A propósito do primeiro aspecto, lembrou que o Porto já foi um grande centro cultural, com um publico de teatro, e até de opera, muito consciente e até exigente em matéria artística, a ponto de fazer temer as companhias que o visitavam.

Dos grupos dramáticos amadores, disse ele serem a grande chave de solução da crise do teatro, pois não só preparam actores condignos e aumentam a cultura artística do povo e o seu amor pelo teatro, como criam um publico interessado que corre a comprar bilhetes sempre que aparece uma companhia profissional, na mira de aprender alguma coisa com ela.

Afirmou que a Federação, tendo sempre defendido os direitos dos grupos cénicos amadores, era de opinião que se devia pedir ao Governo que desse todas as facilidades a esses grupos, emendando completamente o lamentável erro dum passado ainda recente em que a tais iniciativas eram criadas todas as dificuldades. O que os grupos amadores

podem fazer, disse por fim, prova-o esse grande actor que agora relembramos e que sem esses grupos não teria sido o que foi.

A seguir, o sr. António Dias, visivelmente comovido, agradeceu, em seu nome e nos demais descendeu do homenageado, aquela tão simpática iniciativa, tendo palavras de reconhecimento para todas as entidades ali representadas e, de modo muito especial, para a Imprensa.

Encerrou a sessão o sr. dr. Araujo de Barros, que, com a sua habitual exuberância oratória, pôs em relevo o extraordinário valor dos homens do povo, dos plebeus como o actor Dias, e daqueles, também plebeus, mas anónimos, nos grupos cénicos, nas colectividades de recreio ou em qualquer outra parte, sabem fazer hoje o que fizeram os populares do Porto que construíram, abasteceram e tripularam as naus do Infante; possibilitar a obra daquelas raras figuras que conseguem destacar-se.

Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos por uma assistência constituída por dezenas de pessoas.

O jornal «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 25-11-960, publicou o seguinte relato do seu redactor:

A Homenagem à memória do ACTOR DIAS promovida pela Federação das Colectividades do Distrito do Porto

«Comemorando o 67.º aniversário da morte do actor Dias — que passa amanhã — a Federação das Colectividades do Distrito do Porto realizou ontem uma sessão solene no salão dos Bombeiros Voluntários do Porto, durante a qual foi prestada sentida homenagem àquela grande figura do palco, que morreu dramaticamente em cena, no Teatro Sá da Bandeira, desta cidade, e foi um exemplo vivo do interesse dos grupos dramáticos, como viveiros do nosso teatro e centros de cultura teatral.

Presidiu o sr. dr. Araújo Barros, ladeado pelos srs. eng. Pinto de Oliveira, presidente da Câmara de Matosinhos; alferes Armando Vieira, em representação do general comandante da I Região Militar; António Dias, neto do homenageado; António Magalhães, secretário da direcção dos Bombeiros Voluntários do Porto; Capitão António Ferreira, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; Adriano José Granjo, presidente da Junta de Freguesia de Miragaia, e representantes da Imprensa.

Estavam presentes deputações de numerosas colectividades, com os seus estandartes.

Ao abrir a sessão, o sr. dr. Araújo Barros agradeceu a honra de presidir àquela sessão de homenagem à memória do actor Dias, a quem muito ficou a dever a cultura popular. Aceitara o honroso encargo como homem simples, como «homem da rua», numa homenagem a uma grande figura que fora, igualmente, um homem simples, um homem do povo.

Usou, então, da palavra, o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades, que, depois de saudar as individualidades presentes, fez no seu estilo a um tempo vivo e pitoresco, de conversador a quem nunca falta o senso crítico e a noção da oportunidade, se referiu à figura de António Dias Guilhermino — que viria a ser o grande «actor Dias». Traçou, em síntese, a biografia do figueirense de ascendência humilde que saiu dos grupos de amadores dramáticos, tornando-se, mais tarde, uma personalidade de relevo do nosso teatro do passado. Acentuou que o actor Dias, correndo os palcos de todo o País e do Brasil, só se sentia bem no Porto — que era, nessa época, um centro cultural de grande importância — morrendo em pleno palco do Sá da Bandeira, então «Príncipe Real», durante a representação do «Solar das Barrigas», peça de D. João da Câmara e Gervásio Lobato, na tarde de 26 de Novembro de 1893.

A propósito, o sr. Américo Cardoso recordou que o actor Dias — denominado o «Tabordo do Norte» — era, com Angelo Pinto e muitos outros, a prova de interesse das colectividades dramáticas. Fez a apologia dos grupos de amadores teatrais e pediu para eles as maiores facilidades e auxílios. Citou a frase de Garrett, que considerou o Teatro

um grande elemento de civilização, e terminou por dizer que a Federação das Colectividades do Distrito do Porto vai continuar a honrar a memória do actor Dias, pugnando pela revivência do teatro de amadores.

O sr. António Dias, em nome dos descendentes do homenageado, agradeceu comovidamente a quantos colaboraram naquela sentida homenagem à memória do seu avô.

Por último, o sr. dr. Araujo Barros a encerrar a sessão, acentuou que as palavras de Américo Cardoso, sinceras e expressivas, era uma alta lição do valor do povo — a arraia-miuda portuense — simbolizada numa figura popular e grande, como foi o actor Dias.

O diário «O COMÉRCIO DO PORTO», do dia 25-11-960, publicou o seguinte relato do seu redactor:

A Federação das Colectividades do Distrito do Porto promoveu, ontem, uma sessão evocativa da morte do actor Dias

«A Federação das Colectividades do Distrito do Porto, numa meritória iniciativa, promoveu, ontem, à noite, no salão nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto, uma sessão evocativa da morte do actor Dias, de seu nome completo António Dias Guilhermino, que, em 26 de Novembro de 1893 (completar-se-ão amanhã, sessenta e sete anos) morreu, súbitamente, quando representava no então Teatro Príncipe Real, hoje Sá da Bandeira, a peça «O Solar dos Barrigas», dos notáveis escritores teatrais D. João da Câmara e Gervásio Lobato. Com esta pública homenagem, a Federação das Colectividades, na consecução da defesa e expansão da arte dramática, lembrou e exaltou, assim, umas das figuras de relevo do Teatro português dos fins do século passado e, também, um grande amigo do Porto, cidade pela qual o eminente actor tinha particular afeição.

A sessão, que teve a presença de representantes e associados das agremiações de cultura, recreio e desporto, presidiu o sr. dr. Araújo de Barros, presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários Portuenses e sócio honorário da Federação das Colectividades, ladeado, à direita, pelos srs. eng. Pinto de Oliveira, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos; António Dias, neto do homenageado; e Capitão António Ferreira, em representação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; e, à esquerda, pelos srs. alferes Armando Vieira, ajudante do General Comandante da I Região Militar; Adriano José Granjo, presidente da Junta de Freguesia de Miragaia; e António Magalhães, secretário da Direcção dos Bombeiros Voluntários do Porto, e Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades do Distrito do Porto e principal promotor da homenagem. Por de trás da mesa da presidência, viam-se as bandeiras das diversas agremiações filiadas na Federação das Colectividades.

Ao abrir, o sr. dr. Araújo de Barros, em breves palavras, salientou o valor e o significado daquela sessão evocativa da figura do actor Dias na passagem do sexagésimo sétimo aniversário da sua morte, e fez a apresentação do orador da noite, o sr. Américo Cardoso, incansável e dedicado presidente da Federação das Colectividades do Distrito do Porto.

Este, no uso da palavra, teve palavras de saudação e de agradecimento para com as entidades presentes, focando, em especial, a Imprensa desta cidade, pelo carinho que tem manifestado pelas coisas da Federação das Colectividades. Entrando, propriamente, no assunto do seu trabalho, totalmente consagrado à figura do actor Dias, o orador, após ter apresentado todas as razões que levaram a Federação a promover aquela homenagem, historiou em síntese, o que foi a vida de António Dias Guilhermino, desde o seu nascimento, a 2 de Março de 1840, em Maiorca, Figueira da Foz, até à sua trágica e prematura morte, no teatro Príncipe Real. Apontou as suas invulgares qualidades de actor, primeiramente manifestadas nos grupos dramáticos, como amador, e, depois, já como profissional, no género cómico, nos Teatros de Lisboa, Rio de Janeiro e Porto, entre eles o Baquet, de tão funesta recordação, qualidades essas que o levaram a ser disputado pelos empresários da época, e referindo-se aos elogios que os críticos dos jornais do Porto faziam às suas actuações nos palcos desta cidade. Depois de falar do seu grande amor pelo Porto,

cidade exigente em tudo o que dizia respeito à arte de representar, fez largas considerações sobre o Teatro de amadores, que classificou de verdadeira escola de actores, apontando o que é a sua acção em diversos países da Europa, onde o Teatro de amadores tem larga expansão. A finalizar, manifestou o desejo de que os grupos dramáticos se expandam cada vez mais, solicitando do Governo as facilidades necessárias.

A seguir, falou o sr. António Dias, neto do homenageado, que, emocionado, agradeceu, em seu nome, e no da sua família aquela homenagem à memória do seu ilustre avô. Encerrando a sessão, o sr. dr. Araújo Barros, após ter posto em relevo as altas qualidades cívicas do actor Dias, fez caloroso elogio da gente do Porto e do trabalho apresentado pelo sr. Américo Cardoso.

Por último, foram entregues diplomas às colectividades que, há tempos, participaram na homenagem prestada ao Infante D. Henrique.

Amanhã, como último acto das homenagens prestadas pela Federação das Colectividades ao actor Dias, pelas 15,45 horas, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, será descerrada uma lápide comemorativa da passagem do sexagésimo sétimo aniversário do falecimento do eminente actor, que ocorre nesse dia».

O jornal «O SÉCULO», de Lisboa, do dia 25-11-1960, também publicou o seguinte relato:

Foi homenageada a memória do actor Dias, que faleceu há 67 anos em plena cena

«A Federação das Colectividades de Educação, Recreio e Desporto do Distrito realizou, no salão nobre da Associação dos Bombeiros Voluntários, uma sessão solene de homenagem evocativa da vida do actor Dias, falecido há sessenta e sete anos. Presidiu o sr. dr. Araújo de Barros, ladeado pelos srs. eng. Fernando Pinto de Oliveira, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos; alferes Armando Vieira, pelo comando da I Região Militar; capitão António Ferreira, pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; António Dias, neto do homenageado; António Magalhães, pela Associação dos Bombeiros Voluntários, e Adriano Granjo, presidente da Junta de Freguesia de Miragaia. O sr. dr. Araújo de Barros explicou o significado da homenagem póstuma ao actor Dias. Seguidamente o sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades, recordou o actor António Dias Guilhermino, a quem chamavam também o Taborda do Norte, e que começou nos teatros de amadores e, após ter ingressado no profissionalismo, conquistou grande popularidade pelo seu trabalho, honestidade e carácter. Recordou as suas amizades com intelectuais e a sua actuação artística nesta cidade, em Lisboa e mesmo no Brasil, e salientou que o actor Dias foi um portuense adoptivo, pelo seu amor à cidade invicta onde viveu, acrescentando ter sido no dia 26 de Novembro de 1893, um domingo, que o actor, que fazia parte da Companhia Afonso Taveira, com Angela Pinto e Emilia Eduarda, e representava no antigo Teatro Príncipe Real (hoje Sá da Bandeira) um dos principais papéis da opereta «O Solar dos Barrigas», foi acometido de síncope a meio de uma cena, caindo no chão. O espectáculo foi interrompido e o actor Dias, conduzido pelos colegas ao camarim, veio a falecer ali. O orador finalizou fazendo algumas considerações sobre a actual crise teatral e a apologia do teatro de amadores, a bem da cultura e do teatro nacional.

O sr. António Dias agradeceu a homenagem. No final foram entregues diplomas da Federação às colectividades federadas.

No sábado, às 14 e 45, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, será descerrada uma lápide comemorativa da passagem do 67.º aniversário do falecimento do actor Dias».

O jornal «REPÚBLICA» de Lisboa, também se referiu a esta justa homenagem à memória do actor Dias.

Descerramento da lápide no Teatro Sá da Bandeira, ao eminente actor Dias. — Em 26 de Novembro de 1960, precisamente,

no dia e mês, em que passava o 67.º ano do seu falecimento foi inaugurada no átrio do Teatro Sá da Bandeira (antigo Príncipe Real) uma lápide de pedra mármore, com os dizeres: «Ao eminente actor Dias, falecido neste Teatro em 26-11-1893. Homenagem póstuma da Federação das Colectividades no 67.º aniversário. — 26-11-1960».

A Imprensa continuou a dar a estas homenagens o carácter que elas bem mereciam.

Como repositório dos acontecimentos promovidos por esta FEDERAÇÃO, aqui ficam transcritos com a devida vénia, os relatos publicados pelos jornais.

O jornal «DIÁRIO DO NORTE», do dia 26-11-1960, duas horas depois do acto, publicava uma fotogravura da inauguração, com o seguinte relato:

No Teatro Sá da Bandeira foi descerrada uma lápide em honra do actor Dias

«Falecido há precisamente 67 anos — a 26 de Novembro de 1893 — em pleno palco do Teatro Sá da Bandeira, então Príncipe Real quando com a também grande actriz Angela Pinto representava «O solar dos Barrigas», o grande actor Dias teve hoje a sua hora de justiça ao ser descerrado naquele teatro uma lápide em sua honra, homenagem das colectividades do Distrito do Porto de colaboração com o empresário Rocha Brito e segundo uma sugestão antiga de que o «DIÁRIO DO NORTE» em tempo oportuno se fez eco.

No acto estiveram presentes os netos do homenageado, srs. António e Jaime Dias bem como as suas famílias; Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades de Recreio do Distrito do Porto; eng. Custódio Guimarães, pela Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; alferes Armando Marques Vieira, pelo comando da I Região e Militar; representantes do Clube Fenianos Portuenses, Amigos do Porto, B. V. do Porto muitos outros organismos com as suas bandeiras; Hernâni Osvaldo Monteiro da Costa, pela Comissão Municipal de Miragaia e Vigoço Nunes pelo concelho donde o actor era natural; presidente da Junta de freguesia de Miragaia e Viçoso Nunes pelo empresário Rocha Brito.

Usando da palavra, o sr. Américo Cardoso fez o elogio do actor Dias, descerrando depois a sr.ª D. Alice Cardoso Dias, esposa do sr. António Dias, a lápide que tem a seguinte inscrição: «Ao eminente actor Dias falecido neste teatro em 26-11-1893». Homenagem póstuma das Colectividades do Porto — no 67.º aniversário da sua morte».

Por fim, o sr. António Dias, em nome da família do homenageado, agradeceu.

Durante o acto foram recebidos telegramas de entidades associando-se a ele, um dos quais da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz e outro do actor Samuel Dinis, presidente do Sindicato dos Artistas Teatrais».

O «JORNAL DE NOTÍCIAS», do dia 27-11-1960, com uma fotogravura a 2 colunas, do acto da inauguração da lápide, publicou o seguinte relato:

Em homenagem ao actor Dias foi descerrada uma lápide no Teatro Sá da Bandeira

«A partir de ontem uma nova lápide se juntou, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, às muitas outras que relembram, ali, grandes nomes da cena portuguesa: evoca a morte, nas tábuas dessa casa de espectáculos, do grande cómico António Dias Guilhermino, popularmente conhecido por actor Dias. Foi, efectivamente, nessa casa então chamada Teatro do Príncipe Real, que, fez ontem 67 anos, o actor Dias morreu quando participava na representação duma peça de D. João da Camara e Gerbásio Lobato.

Assistiram à cerimónia do descerramento da lápide, que se realizou cerca das 15 horas, os srs. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades do Distrito do

Porto, entidade que tomou a iniciativa da homenagem; Hernani Osvaldo Monteiro da Costa, pela Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, terra natal do grande actor; Luis Vigoço Nunes, em nome do sr. Rocha Brito, empresário do Teatro Sá da Bandeira; eng.º Custódio Guimarães, pela Liga dos Combatentes, António e Jaime Dias, netos do homenageado, e os representantes da 1.ª região Militar, dos Bombeiros Voluntários do Porto, dos «Amigos do Porto», do Clube Fenianos Portuenses, assim como delegações de várias colectividades associadas na Federação, com os respectivos estandartes.

Receberam-se telegramas e ofícios do presidente da Comissão de Turismo da Figueira da Foz, do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais e do Director da Biblioteca Pública Municipal da Figueira da Foz.

Antes da senhora D. Alice Cordeiro Dias, esposa de um dos netos do homenageado, ter descerrado a lápide, o sr. Américo Cardoso pronunciou breves palavras em que disse que, embora os portuenses não homenageassem apenas grandes figuras do Porto ou os amigos do Porto — como, aliás, todas aquelas lápides ali o demonstravam — não se podia esquecer, naquele caso, que, além dos méritos artísticos inegáveis do actor Dias, era um grande amigo do Porto que estava a ser relembrado.

No final da cerimónia, o sr. António Dias agradeceu, em nome da família do grande artista, a veneração que todos revelavam pela sua memória e a participação naquela homenagem, tendo palavras de especial reconhecimento para a Imprensa.

O jornal «O COMÉRCIO DO PORTO», de 27-11-960, com uma fotografia vendo o «aspecto do descerramento da lápide de homenagem ao actor Dias», publicou o seguinte relato:

No Teatro Sá da Bandeira foi, ontem, descerrada uma lápide comemorativa do sexagésimo sétimo aniversário da morte do Actor Dias

«Como último acto das cerimónias comemorativas do sexagésimo sétimo aniversário do falecimento do grande actor Dias, promovidas, em momento feliz, pela Fundação das Colectividades de Educação, Recreio e Desporto do Distrito do Porto e que tiveram início na passada quinta-feira, com uma sessão evocativa da sua morte, efectuou-se, ontem, de tarde, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, na altura Príncipe Real, uma singela mas expressiva homenagem, durante a qual foi descerrada uma lápide que ficará a lembrar aos vindouros a trágica morte, em plena cena, do notável homem de teatro, ocorrida em 26 de Novembro de 1893.

A cerimónia estiveram presentes, entre outros, os srs. alferes Armando Vieira, em representação do general comandante da I Região Militar; Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades; António e Jaime Dias, netos do homenageado; eng. Custódio Guimarães, presidente da Agência do Porto da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; António Magalhães, secretário da direcção dos Bombeiros Voluntários do Porto; Luis Vigoço Nunes, representando o empresário Rocha Brito; Hernani Osvaldo Monteiro da Costa, em nome da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, terra natal do ilustre actor; Jaime Faro e dr. Narciso Lourenço, em representação do grupo «Os Amigos do Porto»; Adriano José Granjo, presidente da Junta de Freguesia de Miragaia; João Silva, pelo Clube Fenianos Portuenses; dirigentes das diversas agremiações de cultura, recreio e desporto desta cidade, etc. Junto da lápide a descerrar, via-se um colorido friso de bandeiras de algumas colectividades portuenses.

Em primeiro lugar, falou o sr. Américo Cardoso, na dupla qualidade de promotor da homenagem e de presidente da Federação das Colectividades que, depois de agradecer aos representantes das autoridades, aos netos do homenageado, à Imprensa e às agremiações a sua presença naquela cerimónia, focou as razões da homenagem ao actor Dias, uma das grandes figuras da cena portuguesa dos fins do século passado e um particular amigo do Porto, cidade pela qual tinha especial afeição. A finalizar as suas breves palavras, disse que a lápide que ia ser descerrada ficaria a recordar a memória do notável actor.

Seguidamente, o sr. António Dias, neto do homenageado, em nome da família renovou os seus agradecimentos à Federação das Colectividades por aquele acto de homena-

nagem a seu avô, após o que sua esposa, sr.ª D. Alice Cordeiro Dias, a pedido do sr. Américo Cardoso, descerrou a lápide que contém a seguinte inscrição: «Ao eminente actor Dias falecido neste Teatro em 26-11-1893 homenagem póstuma da Federação das Colectividades no 67.º aniversário». — 26-11-1960.

Enviaram telegramas, associando-se àquela homenagem, entre outros, o presidente da Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, sr. Severo Biscaia, o actor Samuel Dinis, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais.

O jornal «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 27-11-960, referiu-se ao acto da inauguração nos seguintes termos:

Descerramento duma lápide de homenagem ao actor Dias

«No átrio do Teatro Sá da Bandeira, onde já tantas lápides lembram prestigiosos actores, falecidos uns, em gloriosa carreira outros, foi ontem descerrada mais uma, esta de homenagem àquele que foi em vida o actor Dias, e que, há 67 anos, quando representava no palco daquela casa de espectáculos, ali faleceu subitamente.

Compareceram ao acto, singelo e breve, além do sr. Américo Cardoso, presidente da Federação das Colectividades do Distrito do Porto, a quem se deve a iniciativa da homenagem, os srs. alferes Armando Vieira, como representante do comandante da I Região Militar; Luis Vigoço, pelo empresário sr. Rocha Brito, que se encontrava ausente; Hernani Oliveira da Costa, pela Comissão de Turismo da Figueira da Foz, terra da natalidade do actor Dias; Alirio Amaral, secretário do Teatro Sá da Bandeira; e, entre outros, os representantes do Clube Fenianos Portuenses, Amigos do Porto, Bombeiros Voluntários do Porto, etc.

A lápide foi descerrada pela esposa do sr. António Dias neto do actor póstumamente homenageado, o qual, no fim, agradeceu a presença dos circunstantes e as palavras que o sr. Américo Cardoso momentos antes havia proferido, de elogio.

O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», de Lisboa, de 27-11-960, também se referiu ao acto, com as seguintes palavras:

Homenagem póstuma ao actor António Dias

«Com a assistência dos representantes das autoridades civis e militares, e outras individualidades, realizou-se, hoje, no átrio do Teatro Sá da Bandeira, a homenagem póstuma à memória do actor António Dias, que faleceu a representar naquele teatro, há 67 anos. Presentes, todos os directores da Federação das Colectividades do Distrito, organizadora daquela homenagem, de outras entidades portuenses, e do neto do saudoso homem de teatro, sr. António Dias, que se encontrava acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Alice Cordeiro Dias.

O sr. Américo Cardoso, presidente da Federação, agradeceu na pessoa do sr. Luis Vigoço, da empresa do Teatro Sá da Bandeira, a sua colaboração e historiou, em breves palavras, o que fora a vida artística do notável e popular actor, «um português que se dedicou ao teatro com devoção e carinho».

Seguidamente, o sr. António Dias, agradeceu, reconhecido, a homenagem que acabava de ser prestada a seu avô.

«Contas do Porto», por Ramos de Almeida—As homenagens promovidas à eminente figura do ACTOR DIAS, pela nossa FEDERAÇÃO, deu motivo a que o distinto jornalista e advogado, sr. dr. Ramos de Almeida, lhe dedicasse no «JORNAL DE NOTÍCIAS», a sua crónica semanal, em editorial, de 1-12-960, e que solicitamos vénia para aqui transcrever:

A Figueira da Foz e o Actor Dias — O distinto semanário «NOTÍCIAS DA FIGUEIRA», de 26-12-1960, também se referiu à iniciativa em causa, em editorial: «O actor Dias, está a ser homenageado pela Federação das Colectividades do Distrito do Porto».

«Com orgulho de figueirenses e muito gratos pelo nobre gesto da Federação das Colectividades do Porto acaba de ter para com a memória de um figueirense que soube enaltecere e prestigiar o Teatro Português, daqui nos associamos, embora modestamente, a essa louvável homenagem ao Actor Dias».

Aproveitou a oportunidade para transcrever importantes notas biográficas do actor Dias da autoria do «saudoso patrício Maurício Pinto», publicado no «Album Figueirense» — 1934.

3 pontos fundamentais que interessam às colectividades para a sua existência e progresso:

1.º — Facilidades na organização e legalização das colectividades (denominadas «Associações» perante a Lei);

2.º — Isenção ou redução de taxas das licenças de festas organizadas pelas colectividades;

3.º — Regulamentação do pagamento dos chamados «direitos de autor»

Todos estes problemas têm sido tratados pela FEDERAÇÃO, junto de quem de direito, e dos seus resultados não se tem dito em público pelas razões expostas nas reuniões de delegados.

A nova sede da FEDERAÇÃO — Ainda não foi possível conseguir-se uma casa própria para a sede da FEDERAÇÃO. Todos falam, todos manifestam a necessidade de novas instalações, todavia falta dar o impulso inicial e prosseguir na marcha. Este problema já foi debatido numa Assembleia Geral, e na reunião magna de delegados, efectuada em 22-6-1960, mais animada se tornou a discussão.

A propósito, «O PRIMEIRO DE JANEIRO», de 26-6-1960, publicou o seguinte relato:

Sessão Magna da Federação das Colectividades do Distrito do Porto

«Sobre a melhor instalação da sede da Federação, o sr. Américo Cardoso, como presidente da direcção, fez as seguintes considerações:

«A Federação, com o alto prestígio que disfruta, com a larga projecção da sua obra e o aumento constante dos seus serviços prestados e a prestar, precisa da colaboração devotada das suas filiadas, para alargar o âmbito da sua actividade. Precisamos de uma sede em melhores condições, que honre todas as colectividades.

Temos filiadas nos vários concelhos do distrito do Porto, que possuem edifícios próprios; outras estão em casas alugadas, na sua maioria, com instalações regulares, com telefones e outras comodidades, que servem perfeitamente para os seus fins.

A Federação, no entanto, é a «Casa-Mãe» de todas as colectividades. É a Secretaria Geral, «onde todas aparecem a colher informações e a solicitar a interferência para as suas pretensões e para se evitarem injustiças.

É a «Casa-Mãe» onde se reúnem sempre os delegados das federadas a tratarem

de todos os assuntos que lhe dizem respeito: defesa perante as autoridades, iniciativas colectivas, problemas culturais, artísticos beneficentes, etc., etc. Assim, impõe-se que todas as colectividades federadas, as mais progressivas, como as mais modestas, na medida das suas possibilidades, melhorem a situação da sua Federação.

A casa a adaptar-se ou a construir-se para a sede deve compreender o «Teatro para Amadores Dramáticos» (Salão de festas colectivas e manifestações artísticas), e bem assim dependências para comissões de estudo e reuniões dos delegados das modalidades filiadas.

A seguir, usaram da palavra os representantes das colectividades «Os Pontuais», Caixa de Beneficência aos Tuberculosos de Santo Ildefonso, Dramático Leais de Pedrouços-Maia; Dramático Aurora da Liberdade-Matosinhos; Musical Ritmo de Portugal-Gaia; Recreativo Bairristas de Quebrantões, Gaia; Dramático 26 de Janeiro; Associação Dramática Musical de Massarelos; Dramático do Monte Aventino; Desportivo da Deveza-S. Mamede de Infesta; «Unidos do Paraíso»; Eden Clube de Arcozele-Gaia; Associação Recreativa de Canelas-Gaia.

Todos manifestaram a sua concordância com as ideias apresentadas sobre a sede».

Sempre na defesa das colectividades — Embora haja quem não faça justiça à actividade da FEDERAÇÃO, continuamos a empregar todos os esforços no sentido de se conseguir todas as facilidades para a organização e legalização de novas colectividades de cultura, educação, recreio e desporto.

Nesta ordem de ideias, enviou-se ao Sr. Governador Civil, em 14 de Dezembro de 1960, o seguinte officio:

«Ex.º Senhor Governador Civil do Distrito do Porto.

Os Estatutos desta FEDERAÇÃO estabelecem como um dos seus fins, a expansão da arte dramática por amadores, a musica e outras manifestações artísticas e culturais. Além de procurar elevar o nível moral e intelectual das populações associativas das várias colectividades, criando-lhes os hábitos de moderação, tolerância e respeito, concorre também para estabelecer o bom convívio entre as famílias dos mesmos associados.

Com bastante desgosto, com mágoa o confessamos, todos os dias lemos nos jornais os crimes praticados por jovens; e, como a criminalidade aumenta, o Estado manda construir edifícios prisionais.

Gostariamos que, de preferência, só se construíssem Escolas de instrução e educação, como o Governo, felizmente, o vem fazendo em grande escala.

Todavia, como a sociedade é composta de indivíduos de todas as mentalidades, desde os fortes de espírito, de boa moral, até aos inferiores, com taras de imbecis, paranóicos, mentecaptos, e uma parte com instintos criminosos, — o Estado defende-se. Os homens que se dedicam ao estudo dos problemas da sociologia e outras ciências relacionadas e complexas, advogam a repressão do crime e a educação dos regeneráveis ou em perigo moral.

A FEDERAÇÃO defende o convívio amigo, a fraternidade entre os indivíduos que compõem as colectividades de cultura, educação, recreio e desporto. Cada uma tem a sua paixão na modalidade que pratica, todavia todas são associações de indivíduos que a Lei reconhece e, às quais, impõe condições de funcionamento.

Há muitos anos envolvidos no meio associativo, conhecemos, praticamente, como se funda, se desenvolve e também como desaparece uma associação. Hoje, como dantes, uma troca de palavras entre amigos e surge a ideia da fundação duma colectividade. Fala-se a um, a dois, ou mais indivíduos, nos objectivos que se pretende. Dá-se a primeira reunião e, como não há dinheiro para se alugar uma sala, esperam-se mais adesões. Alvitra-se que se consiga por empréstimo uma sala e se dê principio à actividade que se tem em vista, pois assim — dizem — aparecem outros

candidatos a sócios. Ficam em «regime provisório». Se não aumenta o número ou se se estabelece discordância de maior, entre os componentes, a colectividade não vai avante — e todos desaparecem.

Pelas Leis em vigor, não há facilidades em se constituir uma associação nas condições apontadas acima. Os indivíduos não podem ter uma sede, mesmo «provisória», por que não têm Estatutos, não estão legalizados. Não têm Estatutos por que não podem estar reunidos dentro de um sala, e não dispõem de número de sócios que possam cobrir as despesas de legalização. É um círculo vicioso. Se se fala em colectividades de recreio, com festas e bailes, então, aparece-lhes a legislação dos espectáculos: plantas, instalações de várias ordens, cabines, etc., etc. As dificuldades são maiores.

Os Emprezaários de Teatros ou Cinemas, dispondo de capitais elevados não precisam de terem reuniões numerosas para mandarem os Arquitectos ou Engenheiros elaborarem os projectos e construir as suas casas de espectáculos; enquanto, que, no meio associativo, não havendo verba, têm de reunir os associados, constantemente, para animar as novas inscrições e conseguirem dinheiro. Assim nasceram colectividades modestas e pobres, que hoje têm edifícios próprios e sua propriedade.

As leis têm carácter nacional, e, portanto, abrangem todo o território, desde as cidades, vilas, freguesias até às aldeias, onde não existe qualquer casa de recreio, de distracção para os seus habitantes. Dantes ainda havia os Grupos Dramáticos que entretinham as famílias.

A Lei é rígida e os funcionários são zelosos.

Não há prejuízo, para a Nação, com o desenvolvimento do associativismo, cultural, artístico, recreativo e desportivo.

O Governo tem duas armas importantes de defesa: a censura às peças teatrais e a vigilância dos agentes da autoridade.

Os indivíduos reunidos numa sede, embora «provisória», com conhecimento das Autoridades, é melhor para a ordem social.

A crise associativa é grande; os jovens depois da vida da escola primária, vão para o trabalho, e se não forem os grupos recreativos e culturais não têm onde passarem as suas horas de folga, entretendo-se, auto-educando-se, com as Bibliotecas, corpos cénicos, tunas musicais, orfeões e convivência amiga e fraternal. Os interesses dos industriais dos teatros e cinemas são de reparar, é certo; mas a educação da mocidade não pode ser abandonada. É o sangue da Nação.

Esta FEDERAÇÃO tem procurado dar execução aos seus Estatutos, e nos actos públicos que tem realizado, com autorização prévia de V. Ex.^a, demonstra que ainda pode ser mais prestável e útil à Nação, através das colectividades suas filiadas.

Se V. Ex.^a, como representante do Governo e Chefe político do Distrito, com os poderes que o Código Administrativo lhe confere, — encerrar bem este problema que lhe é exposto, — todas as facilidades poderão ser concedidas às colectividades «em organização», vivendo no princípio em «regime provisório», até se legalizar, conforme as disposições estabelecidas.

Procuramos, desde já, evitar que as «brigadas da policia» levanten autos para o pagamento de multas e a ameaça do encerramento da «sede provisória», motivos que levam à fuga dos associados, que não querem viver em perigo e muito menos envolvidos em assuntos policiais, pois são pessoas de moral e de ordem.

Temos afirmado nas reuniões de delegados das colectividades filiadas, para se esclarecer certos espíritos mal orientados, que esta FEDERAÇÃO não é uma entidade política, nem uma repartição policial; quem manda são as Autoridades, às quais se deve acatamento e respeito. A FEDERAÇÃO faz o papel de «Advogado», quando se dirige às Autoridades superiores, como é V. Ex.^a; e de «Procurador» quando procura saber o resultado de qualquer pretensão.

Esta FEDERAÇÃO tinha muito boa vontade em colaborar com as Autoridades do Distrito nos assuntos que digam respeito às colectividades, sem pretensões de ter importância, que não procura, e cada vez mais se afasta, quando a outros lhes parece que há esse propósito da nossa parte.

Quem manda são as autoridades — e a elas lhes cabe essa honra e glória.

Procura se esclarecer e defender os assuntos, para as colectividades singra-rem nos seus fins, sem dificuldades de qualquer espécie, e prestando todas as informações que forem precisas.

A Associação estabelece o melhor convívio entre os homens.

As colectividades de cultura e recreio são úteis aos indivíduos, à sociedade e à Nação.

Esta FEDERAÇÃO, solicita e agradece a V. Ex.^a a atenção de um despacho sobre o problema acima tratado, e bem assim outro para as Autoridades dos vários concelhos do Distrito, a fim de que aceitem as diligências deste organismo legalizado, através dos seus representantes, procedendo elas na solução dos casos apresentados, conforme o seu critério, mas sempre orientado pelos despachos de V. Ex.^a, como Chefe supremo do Distrito.

Com os protestos da nossa maior consideração, apresentando a V. Ex.^a os nossos melhores agradecimentos. — Porto, 14 de Dezembro de 1960. — A BEM DA NAÇÃO. — O PRESIDENTE, — (a) Américo Cardoso).

* * *

Em resposta recebemos o seguinte officio:

«GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DO PORTO — Ex.^{mo} Senhor Presidente da Federação das Colectividades do Distrito do Porto de Educação, Recreio e Desporto — Rua de Passos Manuel, 126-3.º — PORTO.

Sua referência 125/60 — Sua comunicação de 14-12-1960 — Nossa referência M-14/1 — Porto, 23-12-1960.

ASSUNTO: CONCESSÃO DE FACILIDADES ÀS COLECTIVIDADES EM ORGANIZAÇÃO.

O problema exposto por V. Ex.^a no officio acima referido tem o maior interesse.

As dificuldades legais e regulamentares para a criação das sociedades de recreio exigem que o problema seja visto com espírito de facilitar essa criação e não de a dificultar, até ao ponto de as tornar inviáveis ou sem possibilidades de obterem a legalização.

É este o espírito dominante neste Governo Civil — e essa «Federação» tem obtido satisfação de todos os casos expostos —, continuando assim a ser de futuro, ressalvados os casos que, pela imoralidade que revestem, não podem deixar de ser perseguidos.

Assim, informo V. Ex.^a de que todos os casos que expuser serão atendidos dentro deste critério e de que o Governo Civil verá com bons olhos a formação de novas sociedades de recreio criadas com o propósito de fomentar as manifestações de carácter popular com sentido artístico ou recreativo.

A bem da Nação — O GOVERNADOR CIVIL, (a) Elysio Pimenta».

Esta resposta de Sua Ex.^a o Sr. Governador Civil honra a FEDERAÇÃO.

«O problema exposto tem o maior interesse» e que ele «seja visto com o espírito de facilitar»; além, de que a «FEDERAÇÃO tem obtido satisfação de todos os casos expostos».

Ponderamos todos os assuntos tratados, evitando a nossa interferência em autos levantados pela Polícia que envolvessem actos de imoralidade.

Seria conveniente que as autoridades policiais, a guarda republicana, e outras entidades fiscalizadoras, se orientassem pela doutrina exposta no officio acima transcrito, de Sua Ex.^a, o Governador Civil.

O «excesso de zelo», na interpretação das ordens ou disposições legais, só dá motivo a aborrecimentos.

* * *

Sempre defendemos a opinião de que os grupos recreativos ou outros agrupamentos populares, «em organização», para facilitar as reuniões de trabalhos na fundação e a permanência dos associados em regime de «sede provisória», deviam poder colocar-se, em princípio, ao abrigo da Lei de 14 de Fevereiro de 1907, que não nos consta ter sido «expressamente» revogada. Facilitava a vigilância das Autoridades e dava garantias de sossêgo aos associados fundadores. Com o progresso do Grupo e o aumento do n.º de novos sócios, então seriam obrigados à apresentação dos seus Estatutos no Governo Civil.

Expansão da arte dramática por amadores — Continuamos a interessar-nos pelas actividades dos corpos cénicos das nossas federadas.

A «crise do teatro» continua insolúvel, embora haja companhias teatrais que tenham sido subsidiadas pelo Estado.

Há 40 anos a esta parte que existe um «erro de visão», pois, todos nos dão a impressão de que procuraram, e ainda procuram, solucionar a «crise» à volta dos interesses das pessoas e entidades que pretendem ou vivem à sombra do teatro comercial.

Estrangularam a actividade dos grupos dramáticos de amadores, por essas aldeias fóra, onde até não há qualquer casa de recreio. Eram centros de cultura para os seus componentes, e eles eram os propagandistas entusiastas da arte que abraçavam, desinteressadamente, despertando no seio das famílias e dos habitantes dos locais onde estavam instalados, o amor, o carinho, o interesse pela expansão do teatro português. Eram os amadores que, com a sua devotada acção, criavam o gosto entre o público, conduzindo-o para o teatro profissional, em que lucrava a cultura, a educação, a arte, e bem assim os interesses dos empresários, escritores, artistas, etc., etc.

Devemos continuar a defender a expansão da arte dramática por amadores.

— A direcção registou com júbilo a actividade dos corpos cénicos das federadas que concorreram às provas do concurso da arte dramática, promovido pelo S. N. I. — Os delegados daquelas federadas não comparecendo às reuniões da FEDERAÇÃO deixaram cair no esquecimento aquele acontecimento que era digno de se salientar colectivamente.

«O Cooperativismo e a cultura popular — Subordinado a este tema realizou o nosso presidente (Américo Cardoso), no dia 8 de Dezembro de 1960, na sede da COOPERATIVA DE RAMALDE («Sociedade Cooperativa

União Familiar Operária em Ramalde»), sita no lugar de Pereiró, uma conferência integrada nas festas do 68.º aniversário da sua fundação. O seu vasto salão de festas estava repleto de assistentes que acompanharam com interesse o trabalho do orador.

Esta Cooperativa, que é nossa federada n.º 92, realizou uma brilhante Sessão Solene, tendo sido a FEDERAÇÃO que tratou das facilidades para a sua efectivação junto das Autoridades.

Visita do presidente do Orfeão Português do Rio de Janeiro. — Deu-nos a honra de assistir à reunião magna de delegados que se realizou no dia 22-6-1960, o sr. Claudino Augusto Duarte, presidente do Orfeão Português do Rio de Janeiro, que veio a Portugal assistir às Festas Henriquinas, trazendo as saudações amigas de portugueses nascidos na nossa cidade do Porto. Foi muito ovacionado e convidado a tomar lugar junto da presidência. Improvisou-se uma festa íntima, no final da reunião, na qual foi destacada a acção dos portugueses em terras do Brasil.

Festas em colectividades federadas — A FEDERAÇÃO recebeu as «Boas Festas», ou convites para Sessões Solenes e outros actos festivos, das seguintes colectividades:

Conjunto Dramático 26 de Janeiro, Rancho Folclórico Rosas da Sé, Cine-Clube do Porto, Sociedade Recreativa Dragões de Moalde, Associação Recreativa União Portuense, Associação Recreativa «Os Bairristas de Quebrantões-Gaia, Caixa de Beneficência aos Tuberculosos de Santo Ildesonso; Conjunto Dramático e Harmónicas de Boca Ritmo de Portugal, em cuja Sessão Solene foi descerrada a fotografia do sr. Américo Cardoso, presidente da FEDERAÇÃO; Grupo Recreativo de Aldoar, Grupo Excursionista «Os Pechinchas» da Senhora da Hora, Escola Dramática Musical Recreativa de Contumil, Assembleia do Porto, Orfeão de Matosinhos, Clube de Futebol «Os Picontenses», Rancho Típico do Ilhéu, Associação Recreativa Aurora da Liberdade, de Matosinhos; Cooperativa de Ramalde (Sociedade Cooperativa União Familiar Operária em Ramalde); Grupo Bem-Fazer de Cedofeita, Cooperativa dos Maquinistas e Fogueiros do Minho e Douro, Grupo Excursionista «Unidos do Paraíso», Grupo Excursionista «Tá quétnho não me toques», Escola Dramática Musical Valboense-Valbom, Grupo Desportivo Águias de Moalde, Sociedade Filarmónica de Crestuma, Grupo Dramático Musical Flor de Infesta, Grupo Dramático «Os Plebeus Avintenses»-Avintes, Fluminense Português F. C., Grupo Dramático do Monte Aventino, Grupo C. R. da Ponte Nova-Ovar, Rancho Folclórico «Os Malmequeres da Noeda», Associação Recreativa Valboense 1.º de Dezembro-Valbom, Grupo Dramático Musical Recreativo Restaurador Avintense-Avintes, Rancho Folclórico das Lavradeiras de de S. Martinho da Gandara-Ponte do Lima, Grupo Desportivo dos Surdos-Mudos, Rancho Folclórico de Zebreiros, Instituto Musical Portuense, etc.

Colectividades e entidades — Procuramos corresponder aos amáveis convites que recebemos para vários fins e trocamos correspondência com as seguintes:



Associação de Cegos do Norte de Portugal, Grupo Excursionista «Os Bem Entendidos de Azevedo-Campanhã; Cooperativa dos Trabalhadores da Foz do Douro, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Agência no Porto; Cooperativa dos Trabalhadores de Fanzeres-Gondomar, Associação Cultural «Os Amigos do Porto», Casa dos Chauffeurs (Sociedade Cooperativa), Sociedade de Geografia de Lisboa, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Coimbrões-Gaia, Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, Grupo Bem-Fazer de Pedrouços-Maia, Associação Recreativa e Cultural de Aveleda-Vila do Conde, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto, Grupo Excursionista «Os Portulanos do Porto», Orfeão do Porto, Associação dos Antigos Alunos da Escola do Torne-Gaia, Comissão de Colectividades da Foz do Douro, Comandante do Regimento de Cavalaria n.º 6, Grupo Excursionista 15 de Agosto, Associação Portuense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas, Associação Recreativa Dragões Valboenses, Casa Regional da Beira-Douro, Rancho Folclórico das Tricanas da Calçada, de Albergaria-a-Velha; Cruzada Bem-Fazer da Sé, Amigos da Casa Vitorino Ribeiro, Associação de Socorros Mútuos da Madalena-Gaia, Futebol Clube do Porto, Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz; Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais, Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, Rancho das Rendilheiras do Monte-Vila do Conde, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Aguda-Gaia, Associação dos Inquilinos do Norte de Portugal, Orfeão de Gondomar, Cooperativa Raditaxis-Porto, Clube Naval Infante D. Henrique-Valbom, Associação Recreativa «Os Boémios da Ramada Alta», Grupo Folclórico de Caxinas e Poça da Barca-Vila do Conde, Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário»-Lisboa, Rádio Renascença, Ateneu Comercial do Porto, Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Tuna Musical União Oliveirense, Rancho Recreativo de S. Martinho do Campo-Santo Tirso, etc., etc.

Direcção da FEDERAÇÃO — Sempre existiu o melhor entendimento entre os membros da Direcção, todos preocupados com o progresso da FEDERAÇÃO. Pelos delegados, foi eleito Vice-presidente o sr. Sebastião Maria Nóbrega, como representante da Associação Recreativa «Aurora da Liberdade», de Matosinhos, de onde era Presidente. Foi uma promessa. Após as primeiras reuniões, onde sempre foi acolhido com simpatia, não correspondeu mais aos convites enviados, e também não pediu a sua demissão para se chamar o substituto eleito, nos termos do Artigo 68.º dos Estatutos. Indicou, é certo, um novo delegado, que também nunca apareceu, e não estava ao abrigo daquele artigo. Por respeito ao «Aurora», federada fundadora n.º 9, não forçamos a nota de chamar o respectivo substituto do Vice-presidente. O seu nome pessoal não figura neste Relatório, visto não ter aparecido para assinar o mesmo e as contas.

Circulares de convites e orientação federativa — Durante o ano enviamos a todas as colectividades, circulares impressas que, além dos convites para comparecerem a reuniões de delegados, sessões solenes ou outras iniciativas colectivas, transmitíamos as resoluções da Direcção (quase sempre assuntos tratados em reuniões magnas de delegados), e nelas também indicamos a boa doutrina federativa para ser tomada em consideração pelos dirigentes das federadas, tudo a bem da causa que abraçamos e defendemos — e que todos devem cumprir.

(Da Circular de 28-12-959)

Às colectividades filiadas na FEDERAÇÃO :

«É preciso a união e a cooperação de todas as colectividades.

Os seus dirigentes devem estar mais integrados na missão e na orientação da sua FEDERAÇÃO.

Defender, auxiliar e proteger a FEDERAÇÃO, — que é a «Casa-Mãe» de todas, — é defender, auxiliar e proteger os interesses da sua própria colectividade. Um por todos e todos por um.

Os Empresários dos Teatros e dos Cinemas, através da «União» dos seus Grémios (que é a sua FEDERAÇÃO), deitam foguetes ao ar por que, recentemente, o Governo publicou Leis que os favorecem nos seus espectáculos públicos.

Pelo contrário, os dirigentes das colectividades de recreio, pela sua ignorância perante as leis que lhes dizem respeito, (embora reconheçam as dificuldades que se deparam na vida das suas agremiações), encontram-se numa apatia criminosa não colaborando activamente no organismo colectivo — que é a sua FEDERAÇÃO, — a única associação de defesa que existe no nosso distrito.

Alguns só reconhecem o valor da FEDERAÇÃO, nas horas de dificuldades...».

Transcrevemos os seguintes trechos, que também podem interessar às não federadas:

(Da Circular de 25-6-959)

«As colectividades vivem mal, é certo, mas, em parte, a culpa é dos seus dirigentes que estão alheios à hora que passa, agarrados à incompreensão, ao individualismo, às vaidades pessoais, ao comodismo negativista. Cada um se julga o mais sabedor e que a sua colectividade é a melhor do mundo, não precisando de ninguém. Isolando-se, esquecendo-se de que o isolamento é a morte dos indivíduos e das sociedades. Não querem ver que as leis más a todos prejudicam. Só com o entendimento leal e a união se pode melhorar a vida da suas agremiações.

Vive-se no regime da tolerância perante as autoridades, e as colectividades vegetam na rotina, no marasmo, embora pareça que têm prosperado.

Quem ler os Estatutos da FEDERAÇÃO fica esclarecido e orientado».

* * *

CONTAS — RECEITAS — A base da nossa receita continua a ser a cobrança das cotas do ano respectivo. Tudo o mais é eventual. Fazemos muito com pouco dinheiro, o que surpreende muitos observadores. Tudo é feito com dedicação e graciosamente. Somos da escola associativa antiga, em que tudo se fazia por amor à causa que se abraçava. Seria conveniente que os dirigentes de todas as colectividades ponderassem esta situação. O programa da FEDERAÇÃO é vastíssimo. Mas para tudo é preciso a verba indispensável. Não basta o trabalho do homem, há despesas obrigatórias para levar ávante certas iniciativas. Deixamos a solução deste problema do aumento de novas receitas ao critério dos delegados. É preciso que as cotas à FEDERAÇÃO sejam pagas adiantadamente.

Nas *despesas* procuramos fazer as maiores economias. A FEDERAÇÃO é uma «Secretaria Geral» de todas as colectividades. A correspondência é permanente e indispensável. Uma paragem na actividade, ressen-te-se logo na cobrança. Se todas as federadas tomassem em consideração as circulares e outras correspondências que a FEDERAÇÃO lhes envia poupava-se muito dinheiro pois não era preciso repetir-se os convites para o mesmo fim.

A Assembleia Geral deve ponderar este problema e resolver o que entender por melhor. Não está bem que as federadas não respondam à correspondência que lhes é enviada. Não temos pessoal para fazer officios para as dezenas de filiadas. Usando as Circulares impressas para facilitar os trabalhos.

GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DO PORTO — Como sempre procuramos manter com as Autoridades as melhores relações. Ficamos reconhecidos ao Sr. Dr. Elísio Pimenta pela consideração que sempre dispensou aos assuntos apresentados pela FEDERAÇÃO e respeitantes às nossas federadas que precisaram do apoio de Sua Ex.^a, como Governador Civil. As federadas ficaram a saber dos resultados dos seus problemas — e foi o suficiente.

COMANDO DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA — Ao Sr. Coronel Santos Júnior, aqui deixamos patenteado o nosso reconhecimento pelos serviços prestados pelos seus subordinados nos vários actos públicos realizados pela FEDERAÇÃO.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL — O sr. Aurélio de Oliveira Maia, reeleito como delegado da Banda de Música de Guifões (agregada aos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça), continuou a ser um dedicado colaborador da Direcção. Os nossos cumprimentos.

CONSELHO FISCAL — Aos seus membros as nossas saudações pela cooperação que têm prestado.

SAUDAÇÕES — Propomos saudações: aos Srs. Governador Civil (Dr. Elísio Pimenta); Comandante da Polícia de Segurança Pública (Coronel Santos Júnior); à Imprensa e à Rádio; à direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto; e a todas as entidades e pessoas que se têm interessado pelo progresso da FEDERAÇÃO.

AGRADECIMENTOS — Propomos que se manifeste a toda a Imprensa e à Rádio o nosso reconhecimento pelo apoio que tem dado á obra da FEDERAÇÃO.

LOUVORES — Propomos votos de louvor: às colectividades que participaram nas iniciativas da FEDERAÇÃO (embora fosse um dever); e aos Delegados que deram a sua maior assistência às reuniões magnas e colaboraram em todas as iniciativas.

Terminou o nosso mandato.

Apareçam outros delegados, para prosseguir esta importante obra de interesse para todas as colectividades.

Porto, 31 de Dezembro de 1960.

A DIRECÇÃO:

Presidente — *Américo Cardoso*
(do G. Exc. Amigos das Belezas de Portugal)

Vice-presidente — (?)
(da Ass. Rec. «Aurora da Liberdade»)

1.^o Secretário — *Artur Ferreira da Silva*
(do Grupo Exc. Unidos do Paraíso)

2.^o » — *Manuel Inácio Luís*
(da Associação Musical de Miragaia)

Tesoureiro — *Bernardino Pereira da Rocha*
(do «Eden Clube de Arcozel» de Gaia)

Vogal — *João José Lourdes Riem*
(da Ass. Rec. Bairristas de Quebrantões)

» — *Luís Adelino Ferreira de Almeida*
(do Rancho Folclórico Rosas da Sé).



PARECER DO CONSELHO FISCAL SOBRE O RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1960

Ex.ªs Senhoras Delegadas:

Com omissão ao estatuto, vimos submeter à vossa escrutada apreciação o nosso parecer sobre a actividade da nossa Federação no ano de 1960.

De novo a Direcção é credora de todo o favor pelo interessante e extenuante trabalho desenvolvido em prol das colectividades.

Na verdade foram inúmeros e variados os problemas que teve de enfrentar, e todos dispensando, como habitualmente, o maior interesse e carinho no sentido de para eles obter a melhor e mais conveniente solução.

Neste campo foi muito o que se conseguiu, mas mais seria se existisse, por parte das colectividades, a compreensão de que só colaborando intensamente se conseguem os benefícios que todos desejam por que todos lutam.

As contas, sempre documentadas com minúcia, estão certas e bem armadas.

Composto e impresso na
PAPELARIA E TIPOGRAFIA "HEROICA"
 R. das Flores, 110 — Telef. 25096

PORTO
PARECER

- 1.º — Que aproveis o Relatório e Contas da Direcção respeitantes ao exercício de 1960;
- 2.º — Que consigneis um voto de favor à Direcção;
- 3.º — Que vos associais aos votos de favor, saudações e felicitações propostos pela Direcção;
- 4.º — Que procedais a eleições.

Porto, 5 de Junho de 1961.

O CONSELHO FISCAL

- Roberto da Conceição Lopo e Melo (do Orçamento de Matosinhos)
- João Mendes Ribeiro (do Grupo Musical Exc. Os Rabeças do Canelo)
- António Fernando Eugénio Rodrigues (do Grupo Exc. "Os Bem Faleiros")

- João Mendes Ribeiro (do Grupo Musical Exc. Os Rabeças do Canelo)
- António Fernando Eugénio Rodrigues (do Grupo Exc. "Os Bem Faleiros")

Pararajão das Colónias do Distrito do Porto de Portugal

BAL. DE CREDITO "CAIXA" de Investimentos

RECEITAS

Contas, Balanço, Relatório, Estatuto, Regulamento, etc.

Subsídios para as despesas

Despesas Gerais

Despesas Especiais

Despesas de Capital

Despesas de Manutenção

Despesas de Investimento

Despesas de Amortização

Despesas de Depreciação

Despesas de Outros

Despesas de Outros